

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM
DEPARTAMENTO DE LINGÜÍSTICA

O japonês em situação de pseudo-imersão:
o uso dos pronomes pessoais

Maria Emiko Suzuki

Dissertação apresentada no Departamento de Lingüística do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em lingüística sob a orientação da Profa. Dra. Eunice Ribeiro Henriques.

Campinas

1990

Este exemplar é a redação final da tese defendida por Maria Emiko Suzuki

aprovada pela Comissão Julgadora em

11/23/90.

Eunice R. Henriques

Dep. Profa. Eunice Ribeiro Henriques
CRIC/UNICAMP

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL

ERRATA

Página	linha	ONDE SE LÊ	LEIA-SE
27	14	recebeu	receber
86	9	fala distante	fala não muito distante

Agradecimentos

A Professora Dra. Eunice Ribeiro Henriques pela orientação segura neste trabalho, pelo incentivo amigo e pela assistência sempre que solicitada.

A Professora Dra. Reiko Shinogi pela orientação estratégica.

A Professora Dra. Tae Suzuki pela assistência no levantamento de dados relativos ao "Keigo".

A Professora Dra. Sumiko Ikeda pelas importantes observações relativas principalmente à língua japonesa.

Aos professores Shigo Ochiai (in memoriam) e Ekiko Ochiai, meus primeiros professores de língua japonesa incansáveis batalhadores no ensino e na preservação de sua língua e cultura.

A amiga Jamile Quaglia Crespo pelo espinhoso trabalho da digitação.

Aos informantes que, prontamente, colaboraram nas gravações e nos questionários.

Para

Carlos,

Celso, Érika, Karina e Léo

Resumo

Este trabalho tem como objetivo geral caracterizar a situação de pseudo-imersão que, apesar de semelhante à situação de imersão, apresenta características próprias. Para essa caracterização, coletamos dois tipos de dados: ORAL (fala espontânea) e ESCRITO (por meio de questionário). O objetivo específico da coleta foi isolar os pronomes pessoais para verificar em que medida seu uso pelos nipo-brasileiros (falantes de "coloniago") difere do de falantes nativos (ou seja, do japonês-padrão). Verificou-se que os fatores lingüísticos (por exemplo, o uso de "code switching" e empréstimos), diretamente influenciados pelos extra-lingüísticos (por exemplo, a situação sócio-cultural dos sujeitos) aumentam em frequência de modo proporcional ao processo de aculturação.

Índice

Introdução.....	1
Contexto sócio-cultural.....	1
Justificativa.....	4
Perguntas de pesquisa.....	10
Composição do estudo.....	11
Notas.....	12
I - A situação de pseudo-imersão.....	13
1. O contexto socio cultural dos jun-nisseis e nisseis em situação de pseudo imersão.....	13
2. Bilingüismo.....	21
3. "Borrowing" e "code switching".....	24
4. "Culture loss" e "language shift".....	29
5. "Code switching" e aculturação.....	32
6. Principais características da situação de pseudo- imersão.....	36
Nota.....	38

II - Os pronomes pessoais em contextos extra-linguísticos e linguísticos.....	39
1. Os pronomes no momento da interação.....	40
2. Os pronomes e o sistema da língua japonesa.....	43
A. Formas de tratamento.....	43
B. O <u>keigo</u> a nível dos pronomes pessoais.....	49
C. O <u>keigo</u> e os pronomes possessivos.....	53
3. Línguas em contato: o japonês e o português do Brasil.....	54
A. Distanciamento fonológico.....	55
B. Distanciamento léxico-estrutural.....	57
Notas.....	61
III - Metodologia do levantamento de dados.....	62
Coleta de dados.....	62
1. Gravações.....	62
Informantes I (CORPUS ORAL).....	64
A. Perfil social e linguístico.....	64
B. Desempenho linguístico.....	65
2. Informantes II (CORPUS ESCRITO).....	66
Questionário 1.....	66
Perfil social e linguístico.....	66
Questionário 2.....	72
Desempenho linguístico.....	72
3. Delimitações.....	74

IV - Análise de dados.....	76
1. CORPUS ORAL.....	76
Uso do <u>keigo</u>	76
Painel de juízes: avaliação dos sujeitos.....	82
A influência do "input".....	86
2. CORPUS ESCRITO.....	87
Questionário 1.....	87
Questionário 2.....	95
Uso do <u>keigo</u>	95
O pronome pessoal.....	109
3. Conclusão.....	116
 Bibliografia.....	 118
Apêndice 1	
Apêndice 2	

Introdução

O objetivo desta pesquisa é registrar o distanciamento entre o japonês-padrão¹ e o "coloniago" (o japonês dos nipo-brasileiros, em situação de pseudo-imersão) quanto ao uso dos pronomes pessoais. Essa situação de aquisição/aprendizagem de línguas se assemelha à imersão, porém tem suas características próprias.

Discorreremos primeiramente sobre o contexto socio-cultural dos nipo-brasileiros--imigrantes japoneses (jun-nisseis) e seus descendentes (nisseis e sanseis). Em seguida, justificaremos a escolha dos pronomes pessoais como objeto da nossa análise, e apresentaremos nossas perguntas de pesquisa. Por último, falaremos sobre a composição deste trabalho.

Contexto socio-cultural

Segundo dados de 1978, a população de origem nipônica radicada no Brasil ultrapassa 700.000, e é a maior agregação em solo não-japonês. Cerca de um quarto dessa população é representada por imigrantes nascidos no Japão e o restante por seus descendentes (Saito, 1978:3). A pesquisa mais recente sobre a população de japoneses e seus descendentes residentes no Brasil foi realizada pelo Centro de Estudos Nipo-Brasileiros, com a cooperação da JICA (Japan International Cooperation Agency) e do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), cujo resultado parcial

foi publicado em junho de 1988. Segundo a pesquisa, essa população é de 1.168.000, sendo 596.000 do sexo masculino e 562.000 do sexo feminino. Do total da população estimada, 840.000 (71,9%) se enquadram no grupo de grau de japonidade igual a 1, e 309.000 (26,3%) se incluem no grupo de grau menor do que 1. O grau de japonidade do indivíduo é expresso pela média do grau de japonidade do pai e da mãe. O grau de japonidade do japonês é 1 e o de não-descendentes de japonês é igual a zero. A publicação de uma segunda e última parte da referida pesquisa está prevista para breve, contendo inclusive dados relativos à língua.

Essa grande maioria de imigrantes japoneses veio para cá em busca de estabilidade econômica e com o objetivo de retornar ao Japão o mais breve possível. Isso explica seu pouco interesse em se adaptar ao novo meio ambiente. Assim, de um lado havia muita resistência em assimilar hábitos e costumes brasileiros e até em aprender o português, e, de outro lado havia uma necessidade marcante de manter a tradição e o espírito japonês através de hábitos, costumes, valores e da própria língua.

Tão logo terminava o contrato que mantinha essas famílias presas às grandes fazendas onde trabalhavam em estado de semi-escravidão, elas se agrupavam em núcleos, com o objetivo de facilitar sua sobrevivência e principalmente, de cuidar da formação de seus filhos nisseis (brasileiros, filhos de imigrantes japoneses). A medida em que os anos iam passando, o sonho de regressar ao Japão ia se esvaecendo. O chefe de família começava, então, a aceitar o desafio da sobrevivência em terras inexploradas e aí se instalava para servir de alicerce aos jovens nisseis, depositan-

do-lhes todas as esperanças quanto à formação humana, estabilidade econômica, realização social, etc.

Em suma, como mudaram os objetivos do imigrante japonês, que de uma permanência transitória passou a permanente, este se viu levado a se adaptar ao contexto cultural brasileiro que o obrigava a aprender o português. Por outro lado, as crianças nisseis, que viviam em núcleos onde se havia canalizado todos os costumes japoneses, agora saem para aprender o português e em breve se tornam intérpretes de seus pais e avós. A medida em que esses nisseis iam deixando as colônias para estudar ou trabalhar, a necessidade de falar o japonês diminua. Era o momento em que o japonês desses bilíngües começava a se modificar e ia se distanciando cada vez mais do japonês-padrão, distanciamento este, diretamente proporcional ao grau de aculturação desses falantes (Suzuki, 1984; Nawa, 1988).

Justificativa

Como mostra o quadro abaixo, apesar de diferirem em pontos fundamentais (flexões, concordância e ordem de palavras), estas duas línguas têm um ponto comum, de fundamental importância para este estudo, ou seja, o parâmetro do sujeito-nulo:²

Português	Japonês
S V O	S O V
Ex.: <u>O professor</u> chama <u>o aluno</u> .	<u>Sensei</u> ga <u>seito</u> o <u>yobu</u>
	professor aluno chama
preposicional	pos-posicional
Ex.: Erika deu o livro para Karina.	Erika ga Karina ni hon o yatta.
	livro dar
right branching	left branching
Ex.: O cachorro <u>do Celso</u> morreu.	<u>Celso no</u> inu ga shinda
	Genit.
	do Celso cachorro morreu

| Sujeito nulo |

| Ex.: Como papai disse que vem | ashita kuruto chichi ga itta node
 | amanhã, vou me encontrar | amanhã vem papai disse como
 | com ele. | aini ikimasu.
 | | vou me encontrar

| interrogativas como quem, que, qual e quando |

| se deslocam para a | não se deslocam necessariamente
 | posição inicial da frase | para a posição inicial da frase

| Ex.: O que viu Celso? | Celso ga nani o mitano?
 | ou O que Celso viu? | o que viu

Verbo flexiona	Verbo não flexiona
conforme nº e pessoa	conforme nº e pessoa

| Ex.: eu vou, você vai, | eu, você
 | | iku
 | nós vamos, vocês vão | nós, vocês

Verbo intransitivo não		Verbo intransitivo tem
tem voz passiva		voz passiva

Ex.: *Fui chovido, isto é, fui		ame ni furareta
"surpreendido" pela chuva!		chuva ser chovido

não apresenta vários níveis		apresenta vários níveis de
de linguagem com expressão		linguagem com expressão de
de respeito e de modéstia		respeito, de modéstia e de
		polidez (<u>keigo</u>)

		Ex: <u>ossharu</u> (termo de respeito)
		<u>mosu</u> (termo de modéstia)
		<u>imasu</u> (termo de polidez)

Interrogativa afirmativa (+)

Ex.: Você é japonês? (+)		Anatawa nihonjin desuka. (+)
<u>Sim</u> , sou. (++)		<u>Hai</u> , sodesu. (++)
<u>Não</u> , não sou. (--)		<u>lie</u> , sodewaarimasem. (--)

Interrogativa negativa (-)

Ex.: Você não é japonês?(-)	Anatawa nihonjin dewa
	arimasenka. (-)
Sim, sou. (++)	Iie, sodesu. (-+)
Não, não sou. (--)	Hai, sodya arimasen. (+-)

Assim, pelo fato de as duas línguas permitirem a omissão do pronome (à diferença de línguas como o inglês e o francês), espera-se encontrar na fala dos nipo-brasileiros casos de omissão. A outra possibilidade é a de que o português, por ser a língua dominante e menos marcada quanto ao uso dos pronomes, vá interferir na variedade de língua ("language variety") dos nipo-brasileiros, já que essas línguas (ou variedades) se encontram em contato.

De fato, o estudo-piloto de Kato e Bárbara entre nisseis bilíngües residentes em São Paulo (1983:105-108) conclui que aqueles que aprenderam o japonês apresentaram uma forte tendência pela sua manutenção, e deste estudo depreende-se também que esses falantes bilíngües, embora não utilizem o keigo como um nativo, fazem diferentes usos da linguagem ao escolher os pronomes pessoais da primeira pessoa (boku, watashi, ore, washi) e também ao escolher o pronome da segunda pessoa (omae, kimi, anata), que seja compatível ao nível de linguagem. Assim, não apareceu a opo-

sição *watashi-kimi, boku-omae*. Afirmam ainda que os nisseis procuram não usar pronomes da segunda pessoa e, quando o fazem, usam formas genéricas abrangendo maior tipo de referentes, mesmo que tenham que recorrer a uma forma considerada de menos prestígio como *anta* (simplificação de *anata*).

Essa necessidade de generalizar o uso dos pronomes aparece também no estudo de Mase (1987), em que os nipo-brasileiros de São Miguel Arcanjo utilizam o léxico "eu" e "você" nas formas "yo" e "oce", tendo como plural não o "nosso(a)" do português mas "yora", "ocera" (RA = Sufixo que exprime o plural em japonês). Esse fenômeno de importar o pronome "yo" e "oce" já é detectado na fala dos primeiros imigrantes conforme registro de Handa(1987), ao escrever a história dos imigrantes japoneses no período de 1917. Isto é, ao invés de o falante escolher um pronome específico para uma determinada situação, conforme apontam Kato e Bárbara (1983), ele acaba importando apenas um pronome (yo) para a primeira pessoa e outra (oce) para a segunda pessoa, a fim de facilitar a comunicação.

Quanto à perda na linguagem dos nipo-brasileiros, ao falarem o japonês, Tae Suzuki (1984) constatou que dos 266 informantes :

1. 30 pessoas sabiam usar tanto o tratamento de respeito e de modéstia como o de polidez e eram capazes de fazer correções nos termos de respeito mas, nem sempre nos de modéstia;

2. 55 empregavam alguns termos de respeito e pouquíssimos de polidez;
3. 90 sabiam usar termos de polidez, mas nem sempre os empregavam;
4. 56 sabiam usar os termos de polidez, mas boa parte dos discursos se apresentava sem tratamento;
5. 35 praticamente desconheciam qualquer forma de tratamento, apresentando freqüentemente sintaxe do português.

Essa simplificação constatada nas expressões de tratamento está diretamente ligada à simplificação ocorrida com os pronomes pessoais apontada por Kato, conforme já mencionado acima.

Assim, com base no parâmetro do sujeito-nulo e nos resultados das pesquisas acima, escolhemos os pronomes como objeto deste estudo, segundo os seguintes objetivos:

1. comparar o uso dos pronomes pessoais do japonês-padrão (com níveis de linguagem marcados por termos de respeito, de modéstia e de polidez) com os do "coloniago" (influenciados pela língua dominante, o português);
2. a partir desse ponto específico de mistura de línguas (japonês e português), fazer um levantamento das condições socio-culturais e lingüísticas que propiciaram o desenvolvimento do "coloniago" (isto é, o japonês em pseudo-imersão).

Para atingirmos esses objetivos, procuraremos em nossos dados (CORPUS ORAL e CORPUS ESCRITO) respostas para as seguintes perguntas de pesquisa:

1. Qual é a primeira língua dos falantes de japonês em situação de pseudo-imersão?
2. Quais são as características principais da chamada situação de pseudo-imersão?
3. Qual a relação entre a situação de pseudo-imersão e a mistura de línguas?

Composição do estudo

O presente estudo é composto de:

1. Introdução: Apresenta o objetivo, a justificativa do presente estudo e as perguntas de pesquisa.
2. Capítulo I: Apresenta (1) uma descrição do contexto socio-cultural e psicológico dos nipo-brasileiros, em situação de pseudo-imersão, (2) algumas considerações sobre o conceito de bilingüismo, e dos processos "borrowing", "code switching" e mistura de línguas.
3. Capítulo II: Descreve o uso dos pronomes de tratamento em japonês, dos níveis de linguagem, e apresenta os casos mais frequentes de distanciamento, quanto ao uso do keigo, entre o japonês-padrão e o "coloniago".
4. Capítulo III: Contém a metodologia do levantamento de dados, isto é, do CORPUS ORAL e ESCRITO.
5. Capítulo IV: Contém a análise dos dados do CORPUS ORAL e ESCRITO, através da qual se constata o distanciamento entre o "coloniago" e o japonês-padrão.
6. Conclusão.
7. Apêndice.

Notas

¹ Quando se diz japonês falado no Japão, refere-se à língua-padrão, definida pelo Ministério da Cultura, e que é falada predominantemente na região de Tokyo, sendo o seu uso obrigatório no rádio e na televisão. A definição de língua-padrão se faz necessária no Japão devido à grande diversidade dialetal em todo o país a tal ponto que torna impossível a comunicação entre habitantes das diferentes regiões. Faz parte do "folclore" da colônia a notícia de que uma família recém-chegada do Japão falava correntemente o português. Surpresa foi quando os outros japoneses souberam que a tal família não falava o português, mas sim um dialeto do japonês.

² Com relação à propriedade paramétrica do sujeito nulo, a pesquisadora tornou-a desvinculada da propriedade paramétrica S/V, conforme sugere Tarallo e Kato:

Sujeito-nulo e inversão livre de sujeito parecem (...) constituir parâmetros distintos" (1989:14).

Portanto, aqui, a propriedade paramétrica sujeito-nulo não se refere mais ao parâmetro PRO-DROP que inclui a inversão S/V e o fenômeno do "q".

1. A situação de pseudo-imersão.

Os jun-nisseis e os nisseis aprenderam o japonês em pseudo-imersão, uma situação cujas características serão analisadas neste capítulo. Para isso, descreveremos primeiro o contexto socio-cultural desses falantes, estabelecendo alguns paralelos com a situação dos alemães no sul do Brasil. Em seguida, faremos algumas considerações sobre o conceito de bilingüismo, e depois sobre o uso de "borrowing" e de "code-switching" por esses imigrantes japoneses e seus descendentes. A seguir, teceremos algumas considerações sobre três processos: "culture loss", "language shift" e aculturação. Por último, tomando por base o contexto socio-cultural e lingüístico desses falantes, faremos um levantamento das características principais desse tipo de situação de aquisição de línguas.

O contexto socio-cultural dos jun-nisseis e nisseis em situação de pseudo-imersão.

Dulay, Burt & Krashen (1982:11) distinguem aquisição de uma segunda língua em ambiente da língua "hospedeira" (isto é, aprender o alemão na Alemanha), ou em contexto de língua estrangeira (isto é, aprender o inglês no México ou na Alemanha), que carac-

terizam duas situações de aprendizagem/aquisição de línguas: imersão e não-imersão. Douglas Brown (1980:130) fala de uma subdivisão da situação de imersão, quando leva em consideração a aquisição da língua e/ou cultura, isto é, imersão total quando se aprende inglês nos Estados Unidos ou na Inglaterra e imersão parcial quando se aprende inglês onde ele é aceito como língua franca, como na Índia ou nas Filipinas.

Mas existe um outro tipo de situação, não mencionada pela literatura: pseudo-imersão, ou seja, aquisição de uma língua, em colônias fechadas a influências da cultura e da língua dominantes. No Brasil, há nisseis que falam o japonês fluentemente sem terem nunca ido ao Japão. São os nisseis e jun-nisseis que cresceram em núcleos japoneses fechados a influências brasileiras diretas, onde se manteve hábitos, costumes, valores, tradição folclórica, alimentação, educação e língua do país de origem.

Esses japoneses, que imigraram para o Brasil entre 1908 e 1941, tinham certos pontos comuns, tais como a imigração temporária, o sonho de sucesso fácil e o rápido retorno ao Japão (Saito, 1956:31; Saito, 1980:83; Miyao, 1980:92; Butsugan, 1980:106; Handa, 1987:206). Terminado o contrato com as grandes fazendas, os imigrantes se deslocaram e se agruparam em núcleos que se convencionou chamar de colônia (Hirano, Itacolúmi, Birigui, Registro, Sete Barras, Alta Mogiana, Bastos, Três Barras) onde procuravam dar instrução aos seus filhos e assegurar o sustento da família (Handa, 1987:283).

Uma vez na colônia, o imigrante construía, antes de mais nada, o nihongo qakko, um local que servisse de escola (Miyao,

1980:92), sustentado pela associação japonesa (nipponjin-kai), que era congregada a federações em níveis regionais (rengo-nipponjin-kai) (Izumi, 1956:41). Estas se filiavam a algum órgão centralizador sediado em São Paulo, dependendo do tipo de atividade. Essa rede de associação era estruturada tanto em termos horizontais (no espaço), como em termos verticais (hierarquizados), que assegurava ao grupo étnico os canais de comunicação acionáveis em casos de necessidade (Saito, 1980:88). As atividades culturais, poli-esportivas e recreativas também eram organizadas pelas associações locais (Handa, 1987).

No período pós-guerra, a atitude dos imigrantes mudou radicalmente (Saito, 1956:31-2; Handa, 1987:693), isto é, o caráter transitório de sua imigração tornou-se permanente, transformando, conseqüentemente, a sua postura em relação ao Brasil. Essa mudança, percebe-se muito claramente nas diferentes posturas com relação às duas línguas. Por exemplo, antes, as crianças, primeiro aprendiam a falar, ler e escrever na língua de origem dos pais e somente ao atingirem a idade obrigatória pelas leis brasileiras de ingresso às escolas primárias é que entravam em contato com o português e com brasileiros. Depois, o próprio jun-nissei e até o nissei procuraram aprender o português, pois passaram a "encarar a língua portuguesa como veículo necessário à subsistência (...), e a homogeneização através da língua portuguesa se processa rapidamente, não obstante a sobrevivência da língua japonesa" (Gamou, 1956:58). Surgiu, daí, uma geração de bilíngües naturais, isto é, bilíngües que emergiram de um fato sociológico, a imigração:

Os pais pretendem, então, que os filhos aprendam primeiro a língua portuguesa e a sociabilidade brasileira e, depois, querem inculcar o "espírito japonês" na mente dos filhos assim educados. O "espírito japonês" significa para eles o familiarismo japonês e é simbolizado pela língua japonesa (Izumi, 1956:40).

A opinião dos pais japoneses é quase unânime quanto à conveniência de considerar o português como a primeira língua e o japonês, como a segunda. Mas isso não quer dizer que os pais desistam do ensino do japonês a seus filhos ... (Izumi, 1956:42).

Assim, num período inicial, o japonês em situação de pseudo-imersão no Brasil ficou praticamente cristalizado no tempo e no espaço, recebendo pouca influência, ao contrário do japonês, que foi influenciado pelo inglês. Por exemplo, enquanto no japonês dos imigrantes manteve-se a palavra hinoshi para "ferro de passar roupa" (apesar de coocorrer a palavra "ferro" do português), no japonês do Japão, o termo usado, empréstimo do inglês, era airon. O mesmo aconteceu com shashinki, "máquina fotográfica", versus kamera. Exemplo de cristalização é o tratamento obasam empregado para chamar "tia" ("irmãs dos pais") ou uma senhora da vizinhança, muito amiga, cujo relacionamento não exige um tratamento formal. Hoje, no Japão, obasam é utilizado apenas para "tias" (irmãs dos pais) quando o sobrinho é um adulto, pois, sendo criança, empregaria o afetivo obatyam, e sendo mulher, o mais formal obasa-

ma. Isso porque o termo passou, de uma conotação de respeito a quase pejorativo, uma "velha do interior". Em japonês-padrão, obasam é usado com significado muito restrito, enquanto no japonês do Brasil o seu emprego é vasto, chegando até a ser reconhecido como termo de respeito que equivale a "senhora".

Durante as décadas subseqüentes, a situação de pseudo-imersão (dentro das colônias) tentava resistir às fortes pressões da situação de imersão (fora das colônias), devido à interação de seus próprios membros com o exterior da colônia. Assim, as crianças que falavam só o japonês em pseudo-imersão, passam a aprender o português em situação de imersão total nas escolas, modificando as formas muito marcadas da língua japonesa, como é o caso da hierarquia de pronomes. Portanto, o japonês desses bilíngües começou a se distanciar cada vez mais do japonês-padrão como resultado da saída dos jovens nisseis das colônias para estudar ou trabalhar.

Três fatos propiciaram esse distanciamento lingüístico: a situação de pseudo-imersão, que cedeu lugar à de imersão, a educação dos descendentes das gerações na língua da cultura dominante e a independência econômica. Esse distanciamento, segundo Suzuki (1984:220), foi diretamente proporcional ao grau de aculturação desses nisseis. Entretanto, o imigrante japonês, embora reconhecendo a necessidade de educar seu filho como um honrado brasileiro, não abre mão da cultura japonesa (Handa, 1987:720).

Processo semelhante--de grande resistência à aculturação, seguida de uma abertura gradual, porém relutante--verifica-se também com relação ao casamento inter-étnico, que, nos primeiros

anos, foi recebido com "oposição categórica", aos poucos, com "conformismo ou resistência passiva" e, finalmente, com "aprovação tácita ou aprovação positiva" (Saito apud Butsugan, 1980:105). Segundo tabela de Butsugan (opus cit.:107) obtida em Presidente Prudente, à qual acrescentaremos o símbolo % após as casas decimais do original, temos:

ano	japoneses	mistos	totais
1935	100,00%	----	100,00%
1945	100,00%	----	100,00%
1955	88,00%	12,00%	100,00%
1965	90,19%	9,80%	99,99%
1975	60,33%	36,66%	99,99%

Como se observa, na década de 40, há uma tendência nítida contra o casamento interétnico, a seguir uma aceitação relutante (anos 50 e 60) e na década de 70 uma aceitação maior. Essa resistência é importante para a própria preservação dos costumes, como mostra Butsugan:

Se o casamento constitui um modo de unir grupos familiares, a incidência maior de casamentos de pessoas de origem japonesa entre si constitui uma indicação do quanto o grupo se mantém coeso socialmente e continua sendo reforçado etnicamente. O casamento misto enfraquece o grupo étnico, levando-o a uma integração na sociedade brasileira (1980:112).

Afirmação semelhante, sob um outro ângulo, é feita por Emílio Willens, com relação à mistura de raças dos dois grupos, alemães e japoneses. Segundo o autor, existe no sul do Brasil uma situação muito semelhante à dos japoneses: a dos alemães. Conforme ele afirma (in Weinreich, 1970:93), a divisão racial dificulta a miscigenação e até o processo de aquisição bilíngüe. No Brasil, por exemplo, "the recognizable racial difference has prevented Brazilian-Japanese intermarriage much more effectively than Brazilian-German mixed marriages."¹

Sem dúvida alguma, os alemães, de religião protestante, raça caucásica, tradições européias e língua germânica, passaram por um processo de assimilação mais ameno, de modo que seus descendentes se identificaram cada vez mais com a cultura nacional, ao contrário dos imigrantes japoneses, de raça e língua distantes, de religião xintoísta ou budista, que constituíram uma barreira à sua assimilação à nova cultura (Schaden, 1980:137; Willens, 1946:105, 1948:451-61, apud Weinreich, 1970:93).

Por outro lado, tanto os imigrantes japoneses quanto os alemães (ambos em situação de pseudo-imersão) têm um ponto em comum: ambos apresentavam alto índice de alfabetização. Entre 1908 e 1941, 87,2% dos alemães e 72,9% dos japoneses eram alfabetizados (Egon Schaden, 1980:141). E, além de construírem escolas, mantinham professores nativos, falando exclusivamente as respectivas línguas de origem (Gamou, 1956:57). Esses professores eram trazidos do Japão e da Alemanha para lecionar nessas escolas. Assim, tanto o japonês quanto o alemão eram as línguas oficiais das colônias, até que o governo Getúlio Vargas mandou fechar as escolas

e tornou obrigatório o uso do português.

A grande diferença entre as duas imigrações, segundo Schanden, é no tocante ao processo de aculturação, pois quando o governo brasileiro impôs uma série de restrições a partir de 1937 com relação ao ensino de língua estrangeira, os alemães já contavam com quase oitenta anos de imigração, possuindo uma densa camada de teuto-brasileiros, enquanto que na colônia japonesa o impacto foi grande, dando origem a dois blocos radicais de nisseis: os que deixaram totalmente a língua e o hábito mantidos nas colônias e passaram a se deslocar para centros urbanos, por exemplo, e, os que mantiveram "a duras penas" uma educação paralela, pois ficaram encurralados entre a obrigação imposta pelo governo brasileiro e a resistência imposta pelo ideal dos imigrantes japoneses. Assim, não havia a camada de nisseis e sanseis que pudesse amortecer esse choque.

Esses dois grupos de ascendências tão diferentes e radicados em pontos diferentes do país--no sul, os alemães e em São Paulo e Paraná, os japoneses--passaram por processos muito semelhantes, que tiveram sua origem na própria situação de pseudo-imersão. Essa situação em aquisição bilíngüe retarda o processo de "language shift". É como se na situação de pseudo-imersão existissem mininações, com suas tradições, sua língua, seus costumes, seu sentimento de nacionalidade e de lealdade à língua. Segundo Weinreich (1970:100), existem imigrantes que permanecem tão leais à língua de origem, a ponto de considerá-la como L1. A propósito, dos grupos que examinamos--jun-nisseis, nisseis e sanseis--existem sujeitos dos dois primeiros grupos que consideram o japonês como

L1. O conceito de língua materna, nesse caso, aplica-se à língua que foi adquirida primeiro.

Bilingüismo.

Existem várias definições de bilingüismo num leque que varia de uma competência mínima em apenas uma das quatro habilidades (ler, ouvir-compreender, falar, escrever), como quer Macnamara (apud Hamers & Blanc, 1989:6), até uma competência máxima (Bloomfield, opus cit.), segundo a qual bilíngüe é aquele que domina as duas línguas, como se fossem suas línguas maternas. Para efeito deste trabalho, vamos chamar de bilíngüe aquele falante, proficiente "em algum grau, em pelo menos uma dessas áreas [compreensão, produção oral, leitura e escrita] (Kato e Bárbara, 1983). E a área de nosso interesse é a produção oral.

Para avaliar essa produção oral, partiremos do seguinte pressuposto teórico: "todo ato de fala pertence a uma determinada língua" (Lotz apud Weinreich, 1970:1). Assim, como pretendemos verificar o uso dos pronomes de tratamento e o uso do keigo pelos nipo-brasileiros, analisaremos o CORPUS ORAL, tomando como ponto de referência o japonês-padrão. Nosso interesse é verificar os desvios ou o distanciamento existentes entre o japonês-padrão e o japonês dos imigrantes. A forma de avaliar esses desvios será empírica, ou seja, vai se basear na intuição de falantes nativos leigos, que analisarão o CORPUS ORAL, juntamente com a investigadora, que é bilíngüe (português e japonês).

Contudo, além desses fatores lingüísticos, este estudo levará também em conta alguns fatores extra-lingüísticos, característicos de grupos de língua em contato. Para se obter o contexto psico-socio-cultural dos informantes, levaremos em conta, por exemplo, fatores inerentes ao bilíngüe, tais como, habilidade dos falantes em separar os sistemas das duas línguas, habilidade em usar a língua de acordo com o tópico e com o interlocutor e as atitudes em relação a cada língua (ver CORPUS ESCRITO). Para isso, vamos tomar por base Weinreich (1970:3).

Um outro fator, de cunho lingüístico e socio-cultural, que deve ser levado em consideração, é a influência da área rural, que contribui para a resistência desses falantes à aculturação. Os nipo-brasileiros, em situação de pseudo-imersão, residiam em colônias que se constituíam em verdadeiros fortes, isolados geográfica e culturalmente. Aos poucos, a necessidade de sair das colônias, de se comunicar com os "outros", foi permitindo o contato, pouco a pouco, com o grupo étnico dominante. Daí surgiu a situação de bilingüismo.

Criada a situação social favorável ao bilingüismo, começou, então, o processo de mistura de línguas. Devido à forte resistência dos imigrantes à influência da língua dominante, esse processo se dá lentamente. Este estudo vai registrar uma parte mínima desse processo, ou seja, a incorporação de certos pronomes pessoais do português no "coloniago" e a substituição de outros, ou inexistentes ou de uso restrito, no japonês-padrão.

Os pronomes em japonês são muito marcados lingüística e psico-socio-culturalmente. Daí a dificuldade para esses bilíngües

em manter seu uso numa situação de pseudo-imersão. Vamos verificar, e deixar registrado, a saída que os nipo-brasileiros, como indivíduos e também como grupo social, encontraram para uma questão tão complexa. Por exemplo, para simplificar, o interlocutor simplesmente substitui todo o leque de opções por yo (do português, "eu") e oce (do português, você). Do ponto de vista cultural, dispensa a hierarquia de modéstia e utiliza com frequência, apenas a hierarquia de respeito ou termos de grau zero de polidez. Do ponto de vista interacional, opta pelo uso de watashi para conversar com japoneses da colônia e watakushi (forma mais polida que watashi) com os nativos recém-chegados do Japão.

Segundo Tosi (1984:VII), são dois os tipos de pesquisa sobre falantes bilíngües: "societal bilingualism" e "bilingual education". Esta última se concentra em medidas educacionais necessárias à aprendizagem de uma língua majoritária e a melhores condições de aprendizagem para as crianças de grupos minoritários. Já o bilingüismo coletivo ("societal bilingualism") tem a ver tanto com atitudes em relação à língua e ao uso por parte dos imigrantes quanto com as mudanças ocorridas no novo contexto. É este o tipo de bilingüismo em situação de pseudo-imersão. São duas as condições necessárias para a sua (sub)existência: resistência à aculturação e isolamento da cultura/língua dominantes, ambas observáveis nos nossos sujeitos.

Em primeiro lugar, a colônia japonesa ofereceu forte resistência à aculturação. A título de ilustração, nem a colônia alemã do sul do Brasil, com características bem semelhantes (Weinreich, 1970:93, 95, 96, 102, 107-8, 279), resistiu tão fortemente à

aculturação. Em segundo lugar, esse tipo de bilingüismo se iniciou décadas atrás, isto é, quando os meios de comunicação não exerciam influência tão forte sobre as pessoas. Hoje, seria difícil para um grupo étnico resistir à influência da língua dominante que acontece através do rádio e da televisão, por exemplo.

Assim, a situação documentada neste trabalho é válida por apresentar um registro ainda que mínimo da influência de uma língua na outra e de um tipo de situação que, hoje em dia, tem poucas chances de sobrevivência: a pseudo-imersão. Para complementar este relato sobre o tipo de bilingüismo dos nossos informantes, veremos alguns exemplos de empréstimos ("borrowing") e de alternância de códigos ("code switching"), que ocorrem em sua fala. Esses casos, isolados do CORPUS ORAL, servem para ilustrar processos em desenvolvimento no grupo como um todo.

"Borrowing" e "code switching"

Existem na literatura vários termos que indicam a mistura de elementos pertencentes a duas línguas: "mixing" (mistura), "borrowing" (empréstimo), "interference" (interferência), "transference" (transferência) e "code switching" (alternância de códigos). E os pesquisadores, muitas vezes, empregam um com o sentido do outro. Por exemplo, como menciona Clyne, "mixing" pode ser usado como um termo genérico com o sentido de "borrowing", de "code switching" e até de "transference", e "code switching" pode significar "code changing", "code mixing" e também "transference" (1987:740). Para Weinreich, interferência são todas aquelas

"instances of deviation from the norms of either language which occur in the speech of bilinguals as a result of their familiarity with more than one language, i. e, as a result of language contact (1970:1). Para Dulay, Burt e Krashen (1982:112-118) "borrowing" e "code switching" são diferentes: "borrowing" (empréstimo de itens lexicais) ocorre em minorias lingüísticas, subordinadas social e economicamente. "Code switching" (alternância de código) é uma troca rápida e momentânea de uma língua para outra. A alternância é tão automática que o sistema estrutural das duas línguas parece escapar ao controle do falante, misturando-as indiscriminadamente.

Devido a essa questão terminológica tão controversa, neste trabalho, começaremos por fazer uma distinção apenas entre "code mixing", "borrowing" e "code switching". "Code mixing" (CM), em aquisição bilíngüe, equivale a interferência tal como era definida em aquisição de segunda língua, com base na análise contrastiva, isto é, onde a interferência era "perceived as a main source of errors in L2" (Hamers & Blanc, 1989:22). Segundo esses autores, CM se caracteriza pela transferência de elementos de uma língua Y para a língua X, de tal forma que "in the mixed utterance which results we can distinguish monolingual chunks of Lx alternating with chunks of Ly which refer to the rules of two codes" (idem, p.152). CM difere de "borrowing", pois este ocorre a nível lexical, enquanto que CM aparece em todos os níveis lingüísticos. Mas Hamers & Blanc advertem que, já que CM opera em todos os níveis e já que a mistura pode ocorrer não só em palavras isoladas, mas também em frases, "it is not always easy to

distinguish code mixing from code switching" (idem, ibidem).

Devido a esse imbricamento, e também devido ao fato de não haver concordância entre os estudiosos da área ("We are just beginning to unravel the problem of code switching", Grosjean & Soares, 1986 apud Hamers & Blanc, 1989:112), para efeito dos nossos dados, consideraremos apenas os casos de CM a nível lexical, ou seja, "borrowing". A nível da sentença, todos os casos de misturas de língua serão classificados de "code switching" (CS).

Segundo Hamers & Blanc, há dois tipos de CS: intersentencial (alternância entre sentenças) e intrasentencial (dentro da sentença). No CORPUS ORAL, conforme metodologia naturalística, não apareceu nenhum exemplo do primeiro e poucos do segundo: "acho que...", yo e "oce". Na maioria das vezes, são empregados termos isolados do português, casos típicos de "borrowing".

O falante nipo-brasileiro recorre com muita facilidade ao "borrowing", isto é, empresta um item do português, transferindo-o para o japonês. Esses "borrowings" são de tipos variados. Vamos esquematizá-los segundo a classificação de Weinreich (1970:50):

1. A palavra toda é transferida com a devida adaptação, conforme a formação de palavras ou modelos sintáticos da língua recipiente. Ex.: pasutesu (pastel), "diferença tsukeru" (=fazer diferença) (S15).
2. O significado é emprestado do português e transferido para o japonês:

Ex.: J: denwa no sen ga ochita

TL: telefone do linha caiu

P: a linha (do telefone) caiu.

Mas, em japonês, ochita, do v. ochiru, significa "cair" de um lugar alto para o chão. Na realidade, deveria ser empregado o verbo kireru. Essa tradução é um tipo de interferência semântica que compromete a comunicação com um japonês nativo, que não sabe o português.

3. Compostos híbridos onde uma parte do léxico foi transferida e a outra reproduzida:

Ex.: algodão zukuri	(S6)	= plantio de algodão
ajuda suru	(S6)	= ajudar
atrapalha suru	(S11)	= atrapalhar
participa suru	(S15)	= participar
caça suru	(S2)	= caçar
kursinho o yatte iru	(S14)	= fazer o kursinho
influência o ukeru	(S4)	= recebeu influência
festa e iku	(S5)	= ir à festa

E até casos como:

tomá café suru	= fazer "tomá café"
cabó shita	= acabou (no passado) + <u>shita</u> (com marca de passado)

De forma que, ao mencionarmos CS, fica implícito que se trata de alternância intrasentencial, que não viola a estrutura de nenhuma das duas línguas. Aliás, essa é uma regra, geralmente aceita, de restrição ("constraint") quanto ao uso de CS (Clyne, 1987:761; Hamers & Blanc, 1989:148).

Um outro tipo de CS, mencionado por Poplack (1980), é o extra-sentencial (perguntas do tipo "tag", "fillers", etc.) que o bilíngüe introduz em seus enunciados (Hamers & Blanc, 1989:148). No CORPUS ORAL examinado, apareceram alguns casos desse tipo de CS, como "ah, é!", "puxa!", "nossa!".

No entanto, com relação ao ponto essencial desta pesquisa--o uso dos pronomes pessoais--a mistura de línguas também ocorre a nível lexical, estrutural e do discurso. Não se trata de "borrowing", por não constituírem empréstimos. É o caso do CS intra-sentencial acima citado:

yo (eu) -> yora (nós)

oce (você) -> ocera (vocês)

Aqui não ocorre o "borrowing" de um simples item lexical, isto é, yo de "eu", oce de "você", mas são introduzidos como estratégia discursiva para facilitar a escolha de um pronome adequado entre uma vasta lista. Esse tipo de "code switching" simplifica a estrutura da frase, isto é, mantém o grau zero de polidez, sem acarretar nenhuma modificação no tratamento de modéstia ou de respeito durante a interação.

Pelo que se pode depreender a partir dos nossos dados e dos de Nawa, o bilingüismo em situação de pseudo-imersão, parece favorecer, num primeiro momento, o uso de empréstimos e de "code switching" intrasentencial. Como veremos a seguir, o que parece ocorrer mais adiante no processo é o "code switching" intersentencial, quando os falantes já se encontram a um passo da mudança de línguas ("language shift"), a qual anuncia o fim do processo de aculturação e a possível morte daquela variedade de língua.

"Culture loss" e "language shift"

Nesta parte serão feitas, em primeiro lugar, algumas considerações sobre "culture loss", devido ao distanciamento dos nipo-brasileiros com relação à cultura japonesa, o qual se reflete concomitantemente na língua. Um outro tipo de distanciamento é o comportamental, por influência da cultura dominante, ou seja, os nipo-brasileiros vão gradativamente assimilando certos padrões comportamentais dos brasileiros. Sob um outro ângulo, como exemplo do distanciamento entre as variedades japonês-padrão e japonês nipo-brasileiro, será mencionado o keigo. Na verdade, todas essas manifestações de distanciamento se acham interligadas, pois fazem parte do processo de aculturação.

Em segundo lugar, numa tentativa de se esboçar o processo de mudança de língua, já em andamento entre os nipo-brasileiros, serão usados alguns dados de Nawa (1988), em conjunto com aqueles coletados especificamente para esta pesquisa. Primeiramente, falaremos sobre esses dois tipos de dados que, apesar de diferentes, se complementam. O ponto central da discussão, nesta segunda parte da pesquisa, recai sobre a mudança de uma variedade de língua ("language variety") para outra, ou seja, do japonês para o português, que decorre do próprio processo de aculturação.

Os japoneses que imigraram para o Brasil levaram uma vida simples e primitiva em terras inexploradas acarretando um fenômeno de degradação, chamado de "culture loss" (...). A este respeito, Handa diz que "não terá havido imigrante que tivesse abando-

nado os seus costumes mais do que o japonês" (1973.b:400). Esse termo, "culture loss", é também mencionado por Saito (1978) e Izumi (1956), no sentido de que a vida de extrema privação levada pelos primeiros imigrantes, que em muitos casos se arrastou por muitos anos, poderia explicar a perda até de um tipo de sensibilidade. Acredita-se que, da mesma forma que a linguagem cotidiana dos japoneses tenha sofrido uma perda em nuances sutis e delicadas que marcam o clima, por exemplo, ocorreram perdas de termos referentes a outras áreas concernentes à sensibilidade, ao sentimento em geral. Por exemplo, no japonês falado no Brasil, emprega-se o termo atgui (quente) ou samui (frio); termos intermediários como atatakai (quentinho), suzushii (fresco) são utilizados com pouca frequência e, expressões como: hadazamui (levemente frio), usurasamui (frio lúgubre, sinistro), sokobie ga suru (frio penetrante, que gela os ossos), praticamente desapareceram (H. Saito, 1978:167), por não fazerem parte do contexto em um país tropical.

Além da supressão de certos termos com conotações culturais marcadas, outro fato que pode ocorrer, como observa Handa (1973), é a incorporação de vocabulário do português ao japonês e, finalmente, apenas o uso do português, quando, segundo Nawa (1988), o processo de aculturação estaria terminado.

Sob outro ângulo, no cotidiano, observou-se uma certa mudança no comportamento de nipo-brasileiros, fortemente influenciados pelo meio. Segue um exemplo:

J: Oshoyu kudasai.

A... okagesama de kyo wa zembu uremashita.

P: Queria shoyu.

Ah... graças a Deus, hoje já vendi tudo.

No Japão, ao dar essa resposta, o vendedor poderá perder o freguês para sempre, pois, ele deve sempre se mostrar contrariado por não poder atender ao pedido do freguês, de quem depende financeiramente. Em outras palavras, o vendedor deve se colocar no lugar daquele que queria comprar e não pode.

Existe ainda uma outra modificação observada por Nomoto (1978:142), que se constitui em exemplos de "culture loss" e "language loss". As nisseis do Havai e do Brasil perderam muitos termos só de uso feminino, como é o caso dos sufixos ne, wa, yo, wane. De um modo geral, as mulheres utilizam mais o keigo ou recorrem a termos de polidez com maior frequência que os homens. Não se discute aqui a posição social da mulher japonesa, mas, o que os japoneses consideram como sendo fala feminina. Quando indagadas sobre essas formas de feminilidade na linguagem, 27,3% das nisseis do Havai responderam que eram importantes e que elas próprias as utilizavam contra 72,7% que não responderam ou que deram resposta negativa. Entretanto, Nomoto diz que 27,3% é uma porcentagem muito alta que não corresponde à realidade, pois segundo sua opinião, as nisseis do Havai utilizam a linguagem feminina em menor proporção.

Embora o levantamento feito por esta pesquisadora não fosse diretamente sobre o keigo, acabou revelando fatos parecidos ao de Nomoto. Isto é, perda do controle sobre as regras do keigo, sim-

plificação do leque na escolha dos pronomes, o que levou os nipo-brasileiros a utilizarem os pronomes pessoais em maior escala.

Aliás, esse é um dos motivos pelo qual Nomoto afirma que o keigo não pode ser abolido do japonês, pois isso implicaria em outros problemas mais complicados como a necessidade de acabar com a oposição superior/inferior, homem/mulher, além de ter que criar novos pronomes referentes à 1ª, 2ª e 3ª pessoas, fato que alongaria as frases comprometendo até a eficiência da língua:

O japonês existirá enquanto o keigo existir. O dia em que o keigo desaparecer, o japonês também deixará de existir. Portanto, enquanto se utilizar o japonês, o uso do keigo deve ser feito de modo correto (Nomoto, 1978:144).

No entanto, no japonês do nipo-brasileiro (S.P.), o keigo já deixou de existir, exatamente porque as oposições mencionadas acima, apesar de existirem, numa certa medida, na cultura dominante, são muito menos marcadas linguisticamente, e os nipo-brasileiros já assimilaram essa característica.

"Code switching" e aculturação

Em seus dados sobre alternância de códigos na fala de nipo-brasileiros em Brasília, Nawa (1988) encontra inúmeros exemplos deste tipo de estratégia comunicativa ("code switching"). Neste trabalho, sobre o japonês dos nipo-brasileiros em São Paulo, apareceram poucos casos e, assim mesmo, nenhum de "code switching" intersentencial, muito frequentes nos dados de Nawa. Há duas pos-

síveis explicações para o fato.

Primeiro, como aponta Nawa, "a mudança de código só ocorre em ambientes informais" (p.99). De fato, os dados de Nawa foram coletados "a partir de conversas informais, gravadas em diversas situações" (p.94). Para ilustrar, segue parte de uma conversa entre família na hora do jantar:

(N) Senta aqui, põe o prato aqui.

(N) Vem mais para cá.

(I) Noossa! IIKOTO ARE! Senta DEKIRUNO.

N = nissei e I = issei

Por outro lado, os dados da presente pesquisa foram coletados naturalisticamente, por meio de gravações com cada sujeito, em geral, em suas próprias casas. As situações, no entanto, foram mais formais que as de Nawa, por se constituírem em entrevistas sobre tópicos variados. Uma das diferenças entre os dois tipos de levantamento de dados se deve ao fato de Nawa querer elicitar alternâncias de códigos enquanto que, neste trabalho, nosso objetivo era elicitar os pronomes pessoais em "coloniago". Assim, para Nawa, uma situação real de comunicação iria propiciar maior riqueza de exemplos. Para nós, a própria hierarquia entre entrevistadora/entrevistado, mulher/homem, professora/aluna, etc. poderia gerar dados interessantes. Quanto ao uso desses pronomes em ambiente familiar, por exemplo, os questionários (CORPUS ESCRITO) cobriram esta parte.

A segunda explicação para a grande ocorrência de casos de "code switching", apontada por Nawa, pode decorrer do processo de aculturação. Segundo Hamers & Blanc, "code switching as a commu-

nicative strategy is a stage in the linguistic and cultural assimilation" (p.152). Aliás, nos dados de Nawa verifica-se isso. Os isseis (os primeiros imigrantes, nascidos no Japão) se apegam mais ao japonês; em seguida, vêm os nisseis (2ª geração), que alternam livremente de uma língua para outra, e, em último lugar, os sanseis (3ª geração), que, em geral, não falam japonês (Nawa, pp. 97-98). Assim, como observam Hamers & Blanc, "language shift and language death are significant aspects of this assimilation [into the new society]" (p.159).

Como constata Nawa em sua pesquisa, os sanseis têm grande interesse em aprender o japonês e também sobre a cultura japonesa. As possíveis razões seriam (1) volta às origens, (2) procura de sua própria identidade cultural e (3) ascensão social, através da língua japonesa, como fator instrumental (p.42). De qualquer forma, é importante observar que os sanseis querem aprender o japonês, ou seja, não o aprenderam em contato com a colônia, em situação de pseudo-imersão. Em vista disso, terão que procurar escolas onde a aprendizagem/aquisição do japonês se dará em situação de não-imersão. Isto é, o japonês para os sanseis, passa a ser uma segunda língua. Assim, o "coloniago" (o japonês da colônia) está, evidentemente, passando por um processo de mudança que, eventualmente, resultará na sua morte. De fato, como afirmam Hamers & Blanc, "when the group's language ceases to be spoken by its members we have a case of language death, even though the language may continue to be spoken somewhere else" (p. 176).

Um outro fator que aponta na direção do desaparecimento do dialeto nipo-brasileiro é o fato de o português ter invadido o

ambiente familiar. Isso é transparente nos dados de Nawa, nos vários exemplos de interações familiares onde o código japonês se alterna com o português com grande frequência. Segundo Hamers & Blanc, os falantes da língua subordinada vão gradativamente adotando formas da língua dominante em um número crescente de papéis e funções. E acrescentam, "when the family domain is invaded, language shift is almost complete" (p. 176).

Por último, percebe-se tanto nos dados desta pesquisa (CORPUS ESCRITO) quanto nas interações gravadas por Nawa, que os junnisseis (ou isseis) consideram-se falantes de japonês como primeira língua. Os nisseis oscilam entre uma língua e outra, falando as duas alternadamente. Consideram o português como língua nativa, apesar de se "sentirem" japoneses. (Aqui entra aquela questão de "language loyalty", mencionada por Weinreich, p.99). Já os sanseis, de terceira geração, têm o português como L1, mas querem aprender o japonês como L2. Essa seqüência atesta, mais uma vez, para o processo de mudança de língua, já em andamento, entre os nipo-brasileiros. Como afirmam Hamers & Blanc, "language shift typically takes place over three generations, the first being monolingual or dominant in L1, the second differentially bilingual, and the third dominant or monolingual in L2" (p.176). Contudo, Hamers & Blanc acrescentam que "the variable of ethnicity may of course intervene and slow down or prevent the shift to total assimilation" (p.176). Como entre os nipo-brasileiros, o sentimento de lealdade à língua e às tradições japonesas são muito fortes, o processo de perda e eventual desaparecimento pode ser retardado. Enquanto isso, antes que esse processo chegue ao fim, seria ne-

cessário registrar metodicamente o que acontece com essa variedade de língua, em situação de pseudo-imersão, por ora gravemente ameaçada pelo próprio processo de aculturação.

Principais características da situação de pseudo-imersão.

No decorrer deste capítulo, falou-se em vários pontos importantes que caracterizam o imigrante japonês e seus descendentes residentes no Brasil. Vamos reunir esses itens de forma esquemática para destacar as principais características socio-culturais e lingüísticas de falantes bilíngües em situação de pseudo-imersão:

1. mistura de dialetos dentro das colônias, o que resulta no surgimento de uma língua franca entre os seus membros;
2. manutenção de costumes, hábitos, alimentação, valores, atividades lúdicas e sociais, e inclusive a língua do país de origem;
3. forte resistência à língua dominante;
4. aquisição da língua privilegiada (em oposição à língua dominante) como a primeira língua dos descendentes de segunda geração, que permanecem monolíngües praticamente até os 7 anos;

5. alfabetização das crianças, primeiro na língua privilegiada e depois na dominante;
6. separação nítida entre os membros "de dentro" e os "de fora" da colônia (os nativos);
7. forte resistência ao casamento inter-étnico a fim de se preservarem os valores e a cultura do país de origem;
8. a língua privilegiada (em situação de pseudo-imersão) tem uma forte concorrente: a língua dominante (situação de aquisição natural). Aos poucos a língua dominante vai influenciando a outra, o que pode resultar em mudança de língua, e conseqüente mudança no status social da língua privilegiada que passa de L1 a L2;
9. a língua adquirida em pseudo-imersão tende a se modificar e se distanciar da língua-padrão, devido à aculturação.

Em suma, devido a fatores psico-socio-culturais e lingüísticos, a língua/cultura em situação de pseudo-imersão será pressionada pela língua/cultura dominantes, condenando as primeiras ao desaparecimento. Assim, o japonês, aos poucos, tornar-se-á L2 e os nisseis e sanseis irão procurar instituições fora das colônias para aprenderem o japonês, conforme ocorreu com os alemães (Schaden:142). E a aquisição/aprendizagem de L1 em situação de pseudo-imersão vai, aos poucos, cedendo lugar à aprendizagem/aquisição de L2 em situação formal.

Nota

¹ Doravante, todas as citações do japonês e do inglês, que aparecem em português, foram traduzidas pela própria investigadora.

II. Os Pronomes Pessoais em Contextos Extra-lingüísticos e Lingüísticos

Neste capítulo, discorreremos sobre o uso das expressões de tratamento, notadamente dos pronomes pessoais, sob três ângulos: interacional, lingüístico e sócio-cultural. Nosso ponto de partida será uma citação de Okuyama (1970), que analisaremos, tendo em vista a interação, ou seja, a seleção de pronomes pelos interlocutores. A língua japonesa-padrão identifica mais ou menos 132 tipos de pronomes para as duas primeiras pessoas do singular, influenciados por forte hierarquia determinada pela idade, sexo e outros fatores. No entanto, na língua-padrão dos japoneses de hoje, os pronomes mais empregados são cerca de 5 usados pelos homens, 2 pelas mulheres e 4 de uso comum. No momento da fala, o número pode ser ainda menor. No japonês dos nipo-brasileiros, o quadro é ainda mais diferente, devido a uma série de fatores que têm a ver com a situação específica de línguas em contato e também com o próprio falante bilíngüe (como o uso de "code switching" e "borrowing", que surgem durante a interação). Assim o ponto essencial deste capítulo é mostrar como os pronomes são tratados na interação entre nativos, na literatura e no contexto sócio-cultural de línguas em contato. Agora, passemos à citação mencionada acima, para mostrar como o interlocutor pode escolher entre o uso ou não uso de um ou outro pronome, dentro das possi-

bilidades oferecidas pela situação de comunicação.

1. Os pronomes no momento da interação.

Enquanto trabalhava como jornalista do Jornal ASAHI, encontrei-me com muitas pessoas mas, praticamente não tive oportunidade de utilizar o pronome pessoal anata. Se meu interlocutor fosse um jovem, eu poderia dizer kimi, mas não poderia utilizá-lo para pessoas da mesma idade que eu ou mais velhas que eu. O mais prático seria usar sen-sei, caso os interlocutores fossem ou professores, ou médicos, ou advogados ou escritores, à exclusão de empresários ou funcionários públicos, etc. O ideal seria utilizar o nome de sua função ("presidente", "conselheiro", "diretor", "chefe"). Para não repetir "presidente", tem-se a vontade de utilizar anata, mas parece que o grau de polidez é insuficiente e acaba se substituindo por outros termos como sochira ou otaku (Okuyama, 1970:324).

No trecho acima, Okuyama demonstra uma série de fatores pertinentes à escolha das formas de tratamento numa conversação. Sendo jornalista, Okuyama fala, a serviço, com pessoas que não pertencem ao seu círculo, por exemplo, para fazer entrevistas, e pensa em empregar pronomes considerados de respeito como anata ou kimi. Entretanto, no momento da interação, acaba não empregando anata, pois seria falta de delicadeza usar pronomes pessoais ao se refer

rir a superiores; kimi seria viável somente levando-se em conta a idade do entrevistado, que deveria, neste caso, ser mais jovem que o jornalista, ou da mesma idade, se pertencentes ao seu círculo de trabalho ou amizade. Isso significa que, embora anata e kimi sejam termos de respeito, a hierarquia do primeiro é superior à do segundo. Se o entrevistado fosse uma pessoa da mesma idade ou uma pessoa de hierarquia superior, o jornalista, poderia, então, usar um termo de deferência representado pelo nome da função que o entrevistado exerce, sensei (= professor). Entretanto, se o entrevistado for um empresário, esse termo não será adequado e acabar-se-á optando por termos genéricos como sochira (= você, sua família, sua cidade)¹ ou otaku (= sua casa, sua família)² que, por terem significados bem amplos, genéricos, neutros, soam mais delicados. Esses termos são utilizados, também, para substituir termos de deferência como "presidente", "chefe", "diretor", etc. E, ainda, se fosse uma jornalista, provavelmente nunca utilizaria o pronome kimi, pois convencionou-se que pessoas do sexo feminino devem usar o tratamento de respeito em maior grau que os homens. Isto é, mesmo numa situação em que um homem empregaria kimi, uma mulher diria anata, para não ser considerada arrogante ou com pretensões a uma posição privilegiada.

Tudo isso é levado em conta pelo locutor no momento da escolha do pronome adequado, no nível formal. No entanto, como mostra o mesmo autor, até informalmente existem limitações de uso:

Tem-se a oportunidade de chamar frequentemente seus próprios filhos pelo nome ou apelido, mas quase não se

encontra pronomes para substituí-los. Não posso afirmar que seja impossível, mas pelo menos é bastante raro poder chamar o seu filho crescido de "kimi" ou sua filha crescida de "anata". Em se tratando de relacionamento entre cunhados, o pronome pessoal é praticamente abolido. Não há outro meio a não ser utilizar apelidos que se usava quando criança (Okuyama, 1970:29).

A dificuldade em se fazer uma escolha apropriada ocorre tanto em ambiente de trabalho, como em família. Como resultado, os próprios japoneses, ou acabam abolindo o emprego do pronome, ou passam a empregar termos bem vagos e neutros.

Em suma, o uso ou omissão das formas de tratamento obedece a quatro fatores básicos: idade, posição, sexo e "outgroupness" (ser parte ou não do grupo). Além disso, vamos destacar dois pontos importantes na escolha dos pronomes pelos nipo-brasileiros. Em primeiro lugar a eliminação (ou omissão) dos pronomes é possível, dada a estrutura das línguas portuguesa e japonesa. Em segundo lugar, os nipo-brasileiros, tendo em vista a influência da língua dominante, o português, desenvolveram formas próprias, diferentes das do japonês-padrão. Porém, antes de falarmos da situação dessas línguas em contato, iremos, a título de ilustração, discorrer um pouco sobre algumas das 132 formas de tratamento mencionadas acima e também sobre o uso do keigo.

2. Os pronomes e o sistema da língua japonesa.

Formas de tratamento.

A língua japonesa é rica em expressões referentes às formas de tratamento entre os interlocutores. Hoje, o termo japonês keigo (kei = respeito, go = palavra) está sendo substituído pela denominação "taigu hyogen" (taigu = tratamento, hyogen = expressão), isto é, expressão de tratamento (Doi, 1985). Isso porque o keigo, até então, analisado apenas do ponto de vista morfo-sintático, passou a ser abordado segundo outros pontos de vista como o semântico, o estilístico e o sociológico.

O tratamento em japonês tem uma abrangência grande, pois nele se incluem termos de respeito (sonkeigo), de modéstia (kenjogo) e de polidez (teineigo), que são expressos não só por pronomes pessoais e de tratamento, mas por outras categorias gramaticais, tais como verbos, substantivos, prefixos, alguns advérbios e jodoshi, que são partículas formulativas como desu, masu (Suzuki, 1984: 111, 136).

Em português, a frase "Quem vem junto ..." pode ser completada indiferentemente por "comigo", "com você", "com o senhor". O tratamento aparece somente no momento da escolha do pronome. No entanto, em japonês, esse é dispensado. Ex.:

J: Donata ga goissho ni irasshaimasuka.

TL: quem junto com vem

P: Quem vem junto (com o senhor)?

Donata = expressão de respeito para o pronome interrogativo "quem".

go(issho) = issho (= junto) precedido da partícula de respeito go.

irasshai(masu)(ka) = irassharu (verbo vir) verbo de respeito.

Isto é, pelos três elementos (donata, goissho, irasshaimasu), que são expressões de respeito, infere-se que o complemento é "com o senhor". Portanto, quando se fala em tratamento em japonês, é importante frisar que esse é expresso não só pela sintaxe, como no português, mas também pelo léxico.

O keigo pode ser dividido em (J = japonês, TL = tradução literal e P = português)³:

Expressão de respeito (sonkeigo)

Ex.: J: Otosam wa ashita otaku ni irasshaimasuka

TL: seu pai amanhã em casa está

P: O seu pai está em casa amanhã?

otosam: (subst) termo de respeito, referente ao pai do interlocutor

irasshai: (verbo) termo de respeito

otaku: (subst) termo de polidez

masu : (jodoshi) termo de polidez

Expressão de modéstia (kenjogo)

Ex.: J: chichi wa ashita uchi ni imasu.

TL: meu pai amanhã casa em está

P: O meu pai está em casa amanhã.

chichi: (subst) termo de modéstia

uchi: (subst) grau de tratamento zero

i(masu): (verbo) grau de tratamento zero

masu: (jodoshi) termo de polidez.

Expressão de polidez (teineigo)

Ex.: J: Watakushi wa osakana o kaimasu.

TL: eu peixe compro

U: Eu compro peixe.

watakushi: (pronome pessoal) termo de modéstia

o (sakana): prefixo de polidez.

(kai) masu: (jodoshi) termo de polidez.

A frase acima, com grau zero de tratamento, ficaria assim:

Watashi wa sakana o kau.

Isto é, Watashi e kau, grau de tratamento zero e sakana sem o prefixo de polidez.

Numa tentativa de visualizar esquematicamente o keigo, vamos apresentar alguns dos termos que o expressam e são muito utilizados na conversação, termos esses que pertencem a várias classes

gramaticais, tais como, pronomes pessoais, substantivos, verbos e afixos.

Tratamento zero	sonkeigo (respeito)	kenjogo (modéstia)	teineigo (polidez)
(eu)		washi, ore, boku, (w)atashi	watakushi
(você)	omae, kimi anata		
(esposa)	okusam	nyobo, kanai	
(pai)	otosam(a)	chichi	
(mãe)	okasam(a)	haha	
da (jodoshi, fi- nal de enunciado)			desu, masu
miru (ver)	goran-ninaru	haikensuru	
iru (estar)	irassharu	oru	
iku (ir)	irassharu	mairu	
iu (falar)	ossharu	mosu	
matsu (esperar)	omatinegau	omatisuru	
taberu (comer)	meshiagaru	itadaku	
suru (fazer)	nasaru	itasu	
shina (objeto)		<u>so</u> (shina) prefixo <u>so</u>	
sakana (peixe)			<u>o</u> (sakana) prefixo <u>o</u>
Sr. Paulo			Paulo- <u>sam(a)</u>

Essas formas de tratamento variam conforme o sexo do locutor, a idade do interlocutor, a relação de anterioridade/posterioridade, de exterioridade/interioridade, de superioridade/inferioridade, e

ainda, do grau de formalidade/informalidade.

Ex.: J: Otosam wa ashita otaku ni irasshaimasuka.

TL: pai amanhã casa em está

P: O seu pai está em casa amanhã?

O fato de o falante empregar o termo de respeito otosam significa que o falante não está falando do próprio pai (relação de interioridade/exterioridade); refere-se a alguém que é superior a ele (relação de superioridade/inferioridade), mais velho que ele (relação de idade); e a conversa ocorre em ambiente formal (relação de formalidade/familiaridade). Todos esses conceitos coocorrem na escolha de outros termos de respeito e/ou polidez na mesma frase: otaku e irasshai masu (ka).

Ex.: J: Chichi wa ashita uchi ni imasu.

TL: pai amanhã casa em está

P: Meu pai está em casa amanhã.

O falante emprega o termo de modéstia chichi, referindo-se ao próprio pai (relação de interioridade/exterioridade), e usa a expressão de polidez (i) masu (relação de idade).

Um outro exemplo: esta frase ("vamos almoçar juntos?") pode ser traduzida para o japonês de seis formas diferentes. (As abreviações entre parênteses indicam o sexo do interlocutor, e os traços [+h] e [+f] se referem, respectivamente, ao tratamento honorífico (= keigo) e ao formal. Os sinais de menos duplos, [=f] e

[=h], significam um grau a menos de formalidade que o sinal simples):

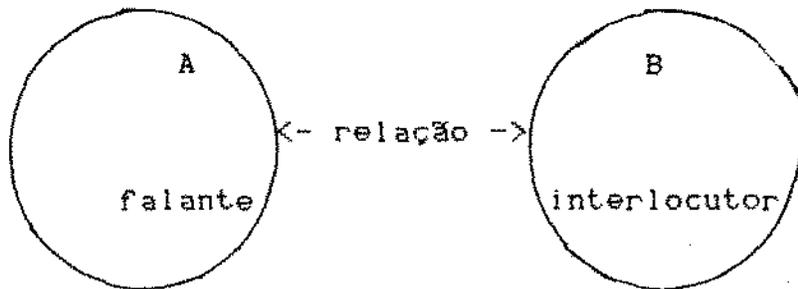
- a. Oshokuji o issho ni itashimasho. ((M)F) (±f) (±h)
- b. Oshokuji o issho ni shimasho. ((M) (F)) (+f) (+h)
- c. Shokuji o issho ni shimasho. (M F) (±f) (±h)
- d. Shokuji o issho ni shiyo. (M) (-f) (-h)
- e. Shokuji o isshoni shiyoka. (M) (=f) (=h)
- f. Meshi o kuoka. (M) (=f) (=h)

(com interlocutor homem)

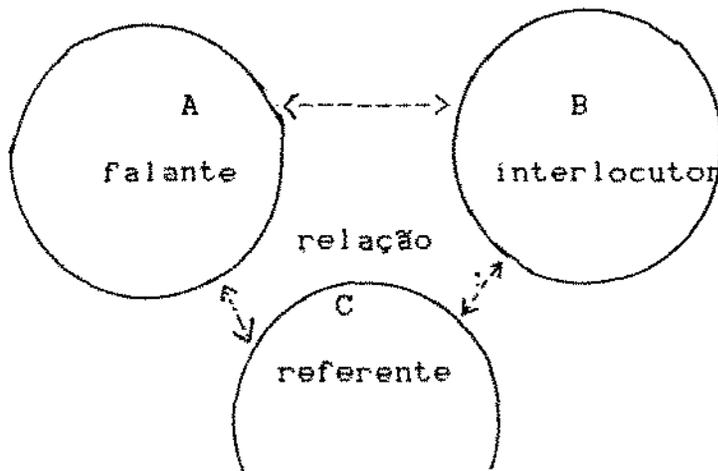
As expressões de modéstia e de respeito podem tanto aumentar a distância inter-individual, rebaixando o locutor ou elevando o interlocutor, como diminuir essa distância, aproximando as pessoas do discurso (Suzuki, Tae, 1984:114). Por outro lado, a esse respeito, Ide (1979:43) diz que o pronome da segunda pessoa só é utilizado com pessoas que sejam do mesmo nível ou inferiores, pois o uso do pronome pessoal em relação a pessoas superiores é considerado indelicado. No lugar do pronome pessoal de segunda pessoa, o japonês utiliza o termo que indica o posto ocupado pelo interlocutor: sensei (professor), shacho (presidente), bucho (chefe), sempai (veterano), ou ainda, nome + sam (Mariasam), ojisan (tio), etc. Tudo isso vem demonstrar os diversos fatores, além do keigo, que entram em jogo para se definir o nível de linguagem a ser mantido numa conversação.

O keigo a nível de pronomes pessoais.

Como vimos, keigo são expressões de tratamento que definem os níveis de linguagem, e dependem, portanto, da relação entre os falantes.



Mas no caso de se referir a uma terceira pessoa, deve-se levar em consideração a relação entre A e B, B e C e C e A.



Segundo Okuyama (1973:13), esse fato constitui um verdadeiro quebra-cabeças. Por esse motivo, é hábito evitar ao máximo o uso dos pronomes da terceira pessoa, em japonês. Assim, pela quase invariabilidade em montar essa situação tríplice para se poder medir o emprego dos pronomes pessoais no japonês falado no Brasil, esta pesquisa se restringirá às duas primeiras pessoas do discurso: o falante e o interlocutor.

No que se refere aos pronomes pessoais da primeira e segunda pessoas, há uma vasta gama de escolha: são 51 para a 1ª pessoa e 81 para a 2ª, conforme tabela de Tsujimura (1973:12). Naturalmente, nem todas essas formas de tratamento estão hoje em uso. Há algumas formas cristalizadas, pouco utilizadas pelo fato de a situação específica de uso não existir mais ou porque as próprias formas se tornaram arcaicas.

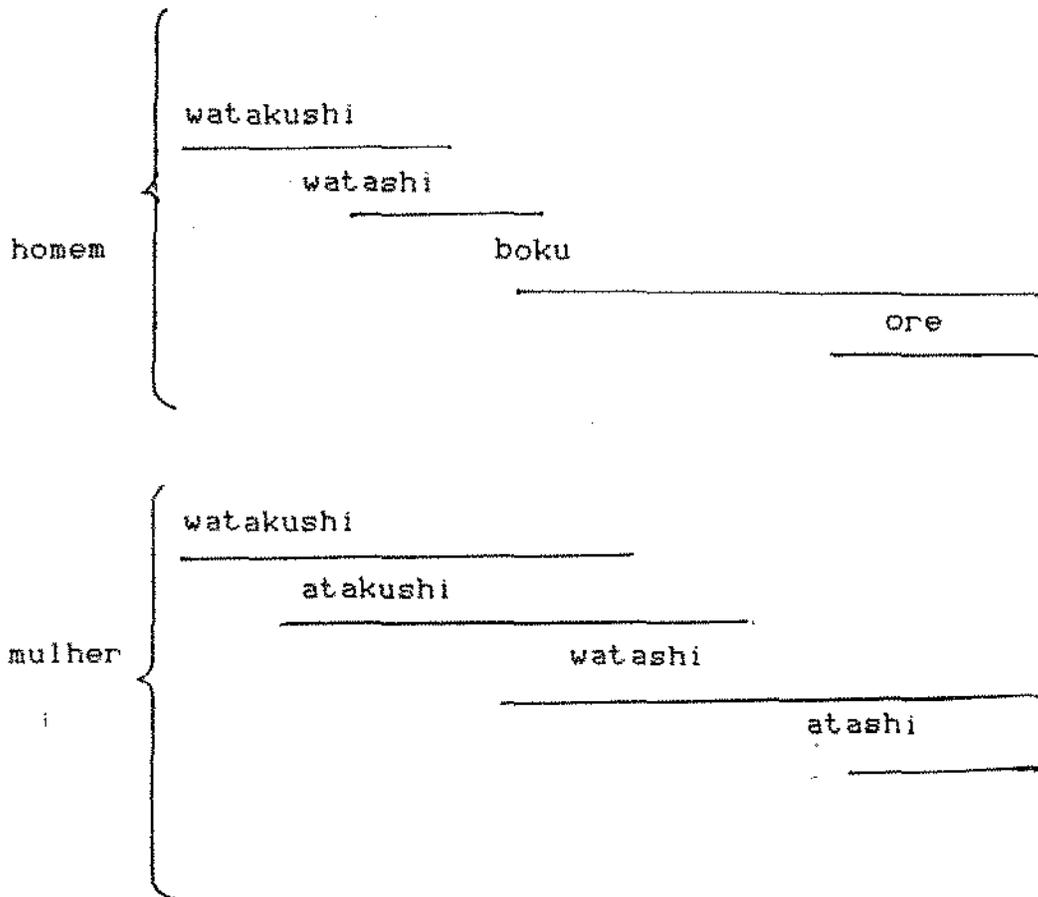
Hoje, no japonês coloquial, os pronomes pessoais referentes à 1ª e 2ª pessoas do singular, segundo Ide (1979: 38), são:

	Uso masculino	Uso feminino
1ª pessoa	watakushi, watashi, boku, ore	watakushi, atakushi watashi, atashi
2ª pessoa	anata, anta, kimi, omae, kisama	anata, anta

O grau de formalidade varia conforme o gráfico abaixo.

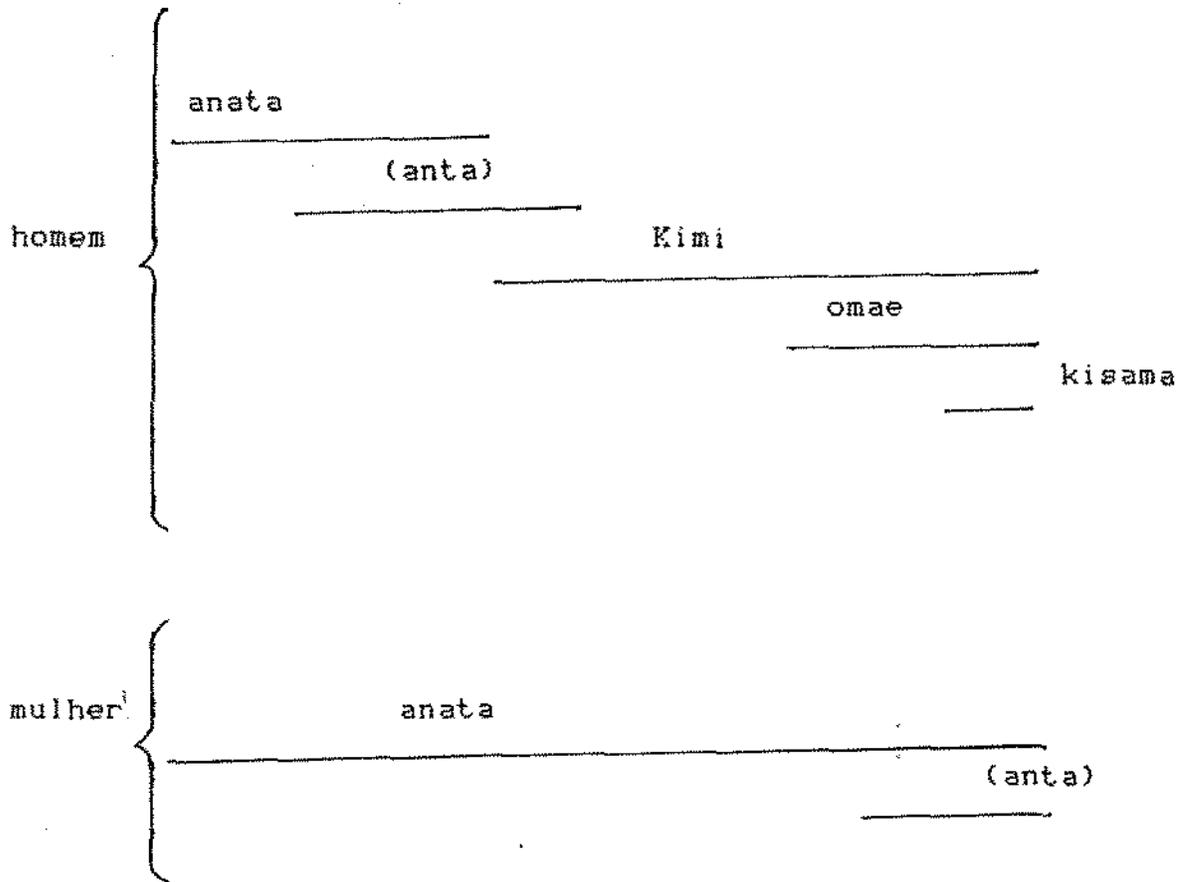
Pronome pessoal da primeira pessoa do singular

+.....grau de formalidade.....-



Pronome pessoal da segunda pessoa do singular

+.....grau de formalidade.....-



Por outro lado, os livros didáticos de japonês para estrangeiros, por uma questão de praticidade, consideram apenas o uso de watashi - anata, já que são termos de respeito e permitem que sejam utilizados tanto por homens quanto por mulheres. Observa-se que, apesar de, na teoria, ser extremamente complexo, na prática o uso das formas de tratamento em japonês acaba se descomplicando devido à existência de formas neutras ou genéricas e também à estrutura da língua em relação ao português, que permite o uso de

sujeito-nulo. Isto é, o parâmetro do sujeito-nulo, observado tanto no japonês como no português, é um elemento favorável à omissão como uma estratégia de esquiiva.

O keigo e os pronomes possessivos

Quando se fala em keigo, não se pode deixar de falar nos pronomes possessivos, pois "meu livro" em japonês implica no uso do pronome pessoal pois a posse é expressa por pronome pessoal, referencial, possuidor + no (= de). Por exemplo:

Watashi no hon.

eu de livro

Mas no caso de "livro do meu pai" ficaria:

chichi no hon.

meu pai de livro

Isto é, o possessivo "meu" já está lexicamente expresso pelo tratamento dado a chichi (um termo de modéstia) de tal forma que o significado só pode ser "meu pai". Isso ocorre com outras palavras que indicam o relacionamento de parentesco como:

termo de modéstia

termo de respeito

chichi = meu pai

otagam(a) = seu pai

haha = minha mãe

okagam(a) = sua mãe

oji = meu tio

ojisam(a) = seu tio

oba = minha tia

obagam(a) = sua tia

ani = meu irmão

onisam(a) = seu irmão

ane = minha irmã

onesam(a) = sua irmã

sofu = meu avô

ojityam(a) = seu avô

sobo = minha avó

obatyam(a) = sua avó

O que foi relatado até aqui, demonstra que, embora o pronome pessoal possa, e em alguns casos deva ser dispensado, a ocorrência do keigo é muito grande devido à estrutura da própria língua.

3. Línguas em contato: o japonês e o português do Brasil

Conforme observa Weinreich (1970: 1), pelo fato de duas línguas estarem em contato, a fala de um bilíngüe apresenta exemplos de desvios em relação às normas de cada uma dessas línguas. Esses desvios ocorrem no japonês falado por nisseis bilíngües do Brasil, e ficam evidentes quando comparadas ao japonês falado no Japão. Na fala desses nipo-brasileiros, em situação de pseudo-imersão, pode-se detectar basicamente dois blocos de distanciamento: fonológico e lexical.

Distanciamento fonológico

O nissei, cujos pais são provenientes da mesma província, fala, como era de se esperar, o japonês-padrão com inúmeras influências fonológicas dialetais da região dos pais. Mas quando os pais são provenientes de regiões diferentes, o nissei apresentará influências fonológicas dialetais das duas regiões, fato pouco comum no Japão, pois lá, optam, neste caso, pela língua-padrão ou pelo dialeto da região em que vivem. É exatamente o que descreve Heye (1978:294), ao falar sobre algumas consequências sociais e lingüísticas entre os imigrantes germânicos e seus descendentes no Brasil. Segundo o autor, esses imigrantes falam

... an intermediate form of German, Brasildeutsh, [...]

It appears to fulfill all the functional and structural requirements of such a variety and co-exists with different regional dialects of German.

E, nos casos conflitantes, conforme observa Mase, "o acento de Tokyo (realizado em Tokyo e demais regiões, constituindo a base do acento da língua japonesa padrão) e o acento de Kyoto (realizado em Kyoto, Osaka e cercanias)(...) dão a impressão de serem totalmente opostos".

	acento	Tokyo	Kyoto
termo			
flor	[ha ^{na}]	[h ^{ana}]	
outono	[^a ki]	[^a ki]	
vermelho	[^a kai]	[^a kai]	

NOTA: O traço horizontal indica a tonalidade mais alta da pronúncia.

(Mase, 1987:144)

É comum então, os nisseis apresentarem o acento, embora sem a noção de acento tonal, isto é, hana (= flor) e hana (= flor) têm o mesmo significado, hashi (= palitinho), hashi (=canto), hashi (ponte) serão utilizados indistintamente. E Mase vai mais além, ao afirmar que "é certo que a língua japonesa utilizada pelos descendentes perderá (...) a acentuação" (idem, p. 145).

A influência fonológica do português no japonês falado no Brasil foi estudada por Mase (1986, 1987) e merece ser aprofundada. Entretanto, essa tarefa será deixada para um falante nativo dadas as limitações da pesquisadora, que é nissei.

Distanciamento léxico- estrutural

O distanciamento do léxico receberá um tratamento mais detalhado que o fonológico, no que se refere ao uso do keigo, do possessivo e da alternância de código em "coloniago". São cinco os casos que ocorrem com maior frequência:

A. Presença do sujeito e conseqüentemente de elementos que marcam a primeira, segunda e terceira pessoas:

Ex.: J: Watakushi wa kaisha e denwa o kakateimasu.

TL: eu firma p/ estou telefonando

P: Eu estou telefonando para a firma.

No Japão, dir-se-ia Kaisha e denwa o kaketeimasu, sem o sujeito Watakushi.

B. Incoerência entre os registros que marcam os níveis de linguagem.

Ex.: J: Shacho ga mosaremashita yo ni

TL: presidente falou conforme

P: Conforme falou o presidente.....

Mosaremashita do verbo "mosu" não é compatível com "shacho" em termos de nível de linguagem.

C. Uso inadequado do keigo que marca as duas primeiras pessoas do discurso.

Ex.: J: (Boku no) otogam to ikimasu.

TL: eu de pai c/ vou

P: Eu vou com meu pai.

No Japão, dir-se-ia "chichi to ikimasu", isto é, otosam, um tratamento de respeito que pode ser utilizado apenas para o pai de outras pessoas, fora do círculo do locutor.

D. Uso do possessivo, com desvio em relação ao keigo.

Ex.: J: Boku no otosam to ikimasu.

TL: eu de pai c/ vou

P: Eu vou com meu pai.

No Japão, se diria "chichi to ikimasu", pois o tratamento chichi já significa "meu pai", não havendo necessidade de outra marca de possessivo. No exemplo acima, o interlocutor empregou otosam acrescido do possessivo boku no, ao invés de chichi. Conseqüentemente, comete um segundo desvio com relação ao keigo, ao optar por boku na interação com pessoas de posição superior à sua.

E. Empréstimos.

Ex.: J: Celso, história no shiken dodatta.

TL: de prova como foi

P: Celso, como foi na prova de história?

No Japão, dir-se-ia: "Celso, rekishi no shiken dodatta."

Desvios como esses, pinçados das falas dos nisseis e jun-nisseis, demonstraram algumas diferenças entre o japonês falado no Brasil e o japonês-padrão. Essas diferenças, com exceção do item E, recaem sobre um mesmo problema, o uso do keigo, sendo os itens A, B

e C. referentes a problemas específicos de uso de pronomes pessoais.

No que tange ao distanciamento em relação à língua-padrão, observaram-se alguns itens no japonês falado pelos nipo-brasileiros, que ocorrem também no japonês coloquial, sem monitoramento do falante; são formas de distanciamento intra-lingüístico, que ocorrem no japonês em contextos diferentes. A título de curiosidade, apresentamos os seguintes casos:

A. Flexão inadequada dos chamados semi-substantivos.

Ex.: J: Kore wa kirekunaine.

TL: isto não é bonito

P: Isto não é bonito.

No japonês padrão é: Kore wa kireidewanaine.

B. Perda da nasal de /q/

Ex.: J: Kore ga kireine.

TL: isto é bonito

P: Isto é bonito.

No japonês-padrão, [ga] pode apresentar duas pronúncias: sem nasalização [g] e com nasalização [g̃], e aqui deveria ser [g̃] com nasalização, porque esse ga é uma partícula que só existe em função do sujeito.

Do ponto de vista interacional, os pronomes pessoais mais usados são poucos, se comparados às centenas existentes na língua. Mesmo assim, o falante nativo pode empregar duas estratégias

comunicativas para omiti-los. A primeira tem a ver com a estrutura da língua, na qual atua o parâmetro do sujeito-nulo, e a segunda com a relação entre os interlocutores, que permite a substituição do pronome por um termo de deferência, indicativo da função do interlocutor.

Do ponto de vista lingüístico, pode-se dizer que as expressões de tratamento em português são menos marcadas que as do japonês. Enquanto o português utiliza pronomes pessoais (eu, você, tu), e pronomes de tratamento (senhor, senhora), o japonês apresenta um leque de opções só para os pronomes pessoais, que conta com termos de deferência (sensei, nome + sam) e de outras categorias gramaticais como afixos, substantivos, verbos, semi-substantivos, e de partículas formulativas, como masu e desu. Por isso, é de se esperar que os imigrantes substituam essas formas muito marcadas pelas menos marcadas do português.

Do ponto de vista cultural, percebe-se que o nipo-brasileiro, que cresceu em situação de pseudo-imersão, tende a restringir o leque de opções em relação aos pronomes e ignorar formas de tratamento expressas principalmente pelos verbos. Isso porque na cultura brasileira não existem todas as hierarquias, presentes na cultura e na língua japonesas.

Notas.

1 Segundo tradução de Masuda, Koh (coord). Japanese-English Dictionary. Tokyo, Kenkyusha: 1974.

2 Idem, Ibidem.

3 Outros autores incluem outras classificações como: bikaço ou expressão de ornamento e teichoço ou expressão de alta polidez.

III. Metodologia do Levantamento de Dados

Coleta de dados

Dois tipos de dados foram coletados:

1. CORPUS ORAL: gravações de fala espontânea baseadas em conversa do cotidiano, com duração de 30 minutos.

2. CORPUS ESCRITO: Respostas a um questionário (Apêndice I).

1. Gravações

Das 21 gravações de bilíngües nisseis e jun-nisseis somente 18 foram aproveitadas (3 praticamente inaudíveis). Eles são bilíngües apenas por apresentarem bom desempenho oral. Portanto, os sujeitos foram escolhidos única e exclusivamente por apresentarem uma proficiência relativa na língua, ou seja, no que se refere à compreensão e à expressão oral. O que nos interessava era mais o desempenho desses falantes na interação. Assim, depois de gravados, submetemos todas as gravações a um painel de juízes.

Utilizou-se fita cassete Basf, e 75% das gravações foram feitas em gravador cassete SONY TCM-III, e 25% em gravadores dos próprios sujeitos. A gravação baseou-se em conversa do cotidiano, centrada em assuntos como: província de origem dos pais, recordação de infância, modo pelo qual aprenderam o japonês, hábito ali-

mentar, ambiente em que cresceram, atitude dos pais em relação ao japonês, futuro dos filhos, etc.

O ritmo da fala desses informantes foi avaliado pela investigadora. Como o ritmo depende do interlocutor, do assunto, e principalmente da índole do próprio falante, optou-se por um esquema comparativo. O ritmo da fala em "coloniago" foi comparado ao do português do próprio falante; desta forma procurou-se respeitar o ritmo pessoal da fala de cada um dos sujeitos pesquisados, e também não forçar o seu enquadramento segundo um critério em si já bastante subjetivo.

Essas gravações têm como objetivo:

1) obter informações sobre o tipo de ambiente em que foram criados, que língua falaram quando pequenos, a vida na colônia, em suma, tudo que pudesse caracterizar a situação de pseudo-imersão;

2) registrar a fala que a pesquisadora considerou como sendo um bom desempenho em língua japonesa em situação de pseudo-imersão;

3) observar o uso dos pronomes pessoais, bem marcados na língua japonesa e cada vez menos marcados na fala dos nisseis -- o que já havia sido observado empiricamente;

4) verificar se, juntamente com "culture loss", há algum processo de "language loss".

Informantes I (CORPUS ORAL).

A. Perfil social e lingüístico

Dos 18 sujeitos examinados através de gravações, 13 são do sexo feminino e 4 do sexo masculino. A idade média é de 44 anos, sendo o mais velho de 67 anos e o mais novo de 18. Os sujeitos 2, 5 e 9 são jun-nisseis e o restante todos nisseis. Metade desses sujeitos nunca esteve no Japão, sendo que da outra metade dos que lá estiveram, 5 permaneceram de 1 a 3 meses, para fazer turismo e os outros 3 entre 1 e 3 anos para estudar. Com exceção de S4 e S10, todos os sujeitos cresceram em colônias da área rural, e os sujeitos mais velhos, que permaneceram até a idade adulta nas colônias, tendem a apresentar pouca escolaridade, em oposição àquelas que saíram das colônias para estudar. As únicas exceções foram S4, que nasceu e sempre morou na cidade de São Paulo, e S10, que cresceu na área rural do Rio de Janeiro em contato com brasileiros, falando apenas o português, até que os pais decidiram mudar-se para uma colônia da área rural de São Paulo, para reintegrarem-se ao ambiente japonês. Pelo fato de morarem em colônias, todos os sujeitos aprenderam primeiro o japonês em casa, inclusive S4 e S10 (com exceção de S1, cujo pai era intérprete e ensinou, em casa, primeiro o português), em contato com familiares e elementos da colônia, ou seja, quase sem contato direto com a cultura e a língua dominantes. Os pais foram os primeiros professores, tanto na fala como na escrita, e os que tinham acesso às

escolas, mantidas pela colônia, freqüentavam-nas, tomando parte em atividades extra-escolares, competições poli-esportivas, comemorações de datas festivas no Japão, como Ano Novo e aniversário do Imperador, missa de aniversário de morte, conforme calendário budista, realizações culturais como dança folclórica e apresentação esporádica de filmes japoneses, etc.

B. Desempenho lingüístico

Formou-se um painel de juízes com a finalidade de observar o desempenho dos 18 sujeitos em língua japonesa e possíveis desvios em relação às normas de língua. Esse painel compunha-se de três nativos (além da própria investigadora). Desses nativos, um era homem (veterinário, com mestrado). Quanto às outras duas, uma era estudante de graduação em língua e literatura japonesa e outra, professora de língua japonesa no Japão. A idade deles variava entre 21 e 27 anos. Todos utilizavam a língua-padrão na conversação diária, embora fossem de regiões diferentes (Tokyo, Gifu e Nagoya). Esses nativos tiveram pouco contato com japoneses do Brasil, na época em que avaliaram as gravações.

A pesquisadora é nissei (44 anos), portanto, é falante de "coloniago". Formou-se em línguas neolatinas, com curso de língua japonesa na Universidade Toritsu em Tokyo, além de ter morado cerca de 5 anos no Japão.

Foi o seguinte o critério de avaliação utilizado para medir a competência dos sujeitos. O japonês falado é:

10,00: igual ao de um nativo.

9,75 a 9,00: quase igual ao de um nativo.

8,75 a 8,00: próximo ao de um nativo.

7,75 a 7,00: não muito distante do de um nativo.

6,75 a 0,00: muito distante do de um nativo

Informantes II (CORPUS ESCRITO).

Questionário 1

Depois de feito um levantamento das modificações e distanciamentos, principalmente em relação aos pronomes pessoais, a partir das gravações do CORPUS ORAL, um questionário (vide Apêndice I) foi respondido por cerca de 100 nisseis e jun-nisseis, com relação a questões tais como: a língua que cada um considera como sua língua nativa, a proficiência na comunicação em japonês, o uso das formas de tratamento, os níveis de linguagem (keigo).

A. Perfil social e lingüístico

O questionário 1 deu conta basicamente do :

a. perfil social: quando e onde aprendeu o japonês, onde mora atualmente e se já morou no interior; onde nasceu, se é jun-nissei, nissei ou sansei; se esteve ou não no Japão; se é casado (a) com japonês(a) nativo(a); idade; qual a província de origem dos

país e cursos que frequentou no Brasil.

b. perfil lingüístico: que língua considera como sua língua nativa; como considera o seu japonês, comparado ao de um nativo; como é o seu japonês, em relação ao ritmo; se mistura palavras em português; como se sente ao falar japonês; com quem e com que frequência fala o japonês.

Três grupos de sujeitos participaram das testagens: jun-nisseis (7), nisseis (64) e sanseis (14), num total de 85. Como vimos, os jun-nisseis são japoneses nascidos no Japão, mas educados no Brasil, e os outros são seus descendentes de 2ª e 3ª gerações. O objetivo da escolha desses três grupos foi fazer um levantamento de fatores lingüísticos e extra-lingüísticos que influenciam o desempenho em japonês dessas três gerações, verificar se houve mudanças de uma língua para outra e apontar para uma possível consequência.

Dos 89 que responderam ao questionário, 85 foram aproveitados. Isto porque 4 informantes imigraram para o Brasil em idade superior à escolar, critério esse definido pela pesquisadora para separar os jun-nisseis dos imigrantes japoneses e, portanto, não puderam ser enquadrados em nenhum dos 3 grupos de sujeitos acima citados.

A idade varia de 21 a 63, sendo a média de 54 para jun-nissei, de 38 para nissei e de 27 para sansei. 64 cresceram ou nasceram e cresceram (pelo menos até 7 anos) em área rural e somente 21 sempre moraram na cidade. Com relação à escolaridade, 61 cursaram ou estão cursando o nível superior, e o índice de escolaridade mais baixo coincide com o grupo de jun-nisseis ou nisseis de

mais idade.

O questionário 1 tem como objetivo obter informações:

1. Quanto à atitude do bilíngüe em relação a cada uma das línguas, apresentaram-se as seguintes perguntas:

a) Você se sente mais à vontade falando que língua?

japonês português.

b) Que língua você considera como sua língua nativa?

japonês português

2. Sobre a facilidade de expressão verbal.

Meu japonês falado é:

igual ao de um nativo.

quase igual ao de um nativo.

próximo ao de um nativo. ;

não muito distante do de um nativo.

muito distante do de um nativo.

3. Sobre a facilidade de expressão verbal, habilidade em separar as duas línguas e também a proficiência relativa em cada língua:

Quando falo japonês:

- nunca uso palavras em português.
- quase não uso palavras em português.
- uso muitas palavras em português.

4. Sobre a proficiência relativa em cada língua.

Quando falo japonês:

- falo sem precisar me corrigir.
- preciso parar algumas vezes para pensar.
- preciso parar muitas vezes para pensar.
- falo muito devagar, usando muitos "ah", "eh", "ã".

Meu japonês falado é:

- mais rápido que meu português falado.
- tão rápido quanto meu português falado.
- 50% mais lento que meu português falado.
- 70% mais lento que meu português falado.
- 100% mais lento que meu português falado.

5. Sobre a proficiência relativa em cada língua e habilidade em usar a língua dependendo do tópico e do interlocutor.

Eu falo japonês:

- sem me sentir cansado(a).
- sem deixar de falar tudo que quero.
- deixando de dizer algumas coisas de que gostaria.
- deixando de dizer muitas coisas de que gostaria.

6. Sobre a maneira como o falante aprendeu cada língua.

Eu aprendi a falar japonês:

- A. desde 1 ano e pouco ou 2 anos até 7 ou 8 anos.
 - dos 7 ou 8 anos em diante.
 - na adolescência.
 - depois de adulto.
- B. em casa, no Brasil, por anos.
 - na escola da colônia japonesa, por anos.
 - no nihenjinkai, por anos.
 - numa escola do Japão, por anos.
 - outros>, por anos.

7. Sobre a ordem de aprendizagem de cada língua, pois, segundo Weinreich (1970:76), a ordem pode indicar qual delas é a língua materna.

Eu aprendi a falar japonês:

- ao mesmo tempo que o português.
- antes de aprender o português.
- depois de aprender o português.

8. Sobre elementos facilitadores para a manutenção da língua japonesa, como por exemplo o "input" de nativos e/ou de falantes bilíngües.

Complete:

estive no Japão por meses.

Eu já

morei no Japão poranos.

Você é casado(a)?

() Sim () Não

Você é casado(a) com japonês(a) nativo(a)?

() Sim () Não

Normalmente, com que frequência você conversa em japonês?

() sempre

() às vezes

() nunca

Em geral, com quem você conversa em japonês?

() com parentes.

() com amigos.

() com colegas de trabalho.

() com os pais.

() outros (especifique, por favor)

Questionário 2

Desempenho lingüístico.

O questionário 2 deu conta basicamente do desempenho do falante em relação ao keigo, e, especificamente, sobre os pronomes pessoais. No item 1, apresentou-se uma lista de 20 expressões de tratamento específicas da primeira e segunda pessoas para que o sujeito escolhesse qual ou quais usaria na fala em japonês em situações especificadas nos itens abaixo, de A a N (irmão, pais, avós, marido, superiores, etc.). Nessa questão quer se observar que expressões de tratamento são mais utilizadas, se o sujeito faz a opção do leque de pronomes pessoais oferecidos no japonês-padrão, se incorporou outros elementos substitutivos do português como oce, yo, mamã e ainda se consegue distinguir a diferença entre otosam e chichi, okasam e haha, etc. :

1. Ao conversar em japonês, que pronomes (watakushi, atakushi, watashi, atashi, washi, boku, ore, kimi, anata, anta, yo, oce, ocera, você, chichi, haha, otosan, okasan, papai, mamã) você usaria nas seguintes relações?

- A. entre irmãos:
- B. com os pais:
- C. com os avós:
- D. com vizinhos de sua idade:
- E. com vizinhos mais velhos que você:
- F. com sogro e sogra:

- G. com marido (esposa):
- H. com tios e tias:
- I. com superiores a serviço:
- J. com o professor de japonês:
- K. com visitas do Japão:
- L. com visitas do Brasil:
- M. com os filhos:
- N. outros (especifique, por favor):

No item 2, apresentaram-se seis frases e três diálogos curtos que retratam situações do cotidiano (fala entre mãe e filho, aluno e professor) com níveis de linguagem marcados, onde o uso, por exemplo, de uma expressão de respeito não poderia ser confundido com o de modéstia. Pediu-se para que os sujeitos marcassem quais deles usariam em sua fala.

Seguem as frases. (As respectivas traduções e comentários estão na Parte IV, Análise de Dados):

- 1.() Sensei, ashita watakushi no otosan ga gosodan ni mairimasu.
- 2.() Kono hon wa orê no da.
- 3.() Ane ga yoroshiku to osshatte imashita.
- 4.() Kino, kingyo ni esa o agenakatta.
- 5.() Ototo ni okozukai o yatta.
- 6.() Sensei, chichi ga sensei ni mo irashite hoshii to osshaimashita.

7.() (ao telefone)

- Nakamura bucho ni mensetsu o onegai shitai to uchi no shacho ga moshiteorimasuga
- Tadaima Nakamura wa shayo de seki o hazushite orimasuga

8.() (entre mãe e filha pequena)

- Ayako, oheya katazuitakara mo benkyo hajimetemo iiyo.
- Ah, okasan, kireini nattane, gokurosama.

9.() (entre colegas de serviço)

- Kacho ga mo kaettemo yoi to mosaremashita.
- Ah, yokatta!

3. Delimitações

Ao coletarmos os dados, não levamos em conta o desenvolvimento lingüístico dos sujeitos, porque isso implicaria em pelo menos um ano de pesquisa, segundo metodologia longitudinal. Além disso, um estudo de caso não seria suficiente para revelar as condições em que se dá a situação de pseudo-imersão. Para esse tipo de levantamento, seria necessário uma análise de fatores não só lingüísticos, mas também extra-lingüísticos.

Não usaremos dados estatísticos nem testes para medir a proficiência dos informntes. Vamos nos basear exclusivamente na análise da investigadora, que é falante bilíngüe, e na avaliação de falantes nativos.

Tomaremos apenas um momento da fala de nipo-brasileiros, isolando-se um ponto gramatical para observar a proficiência dos sujeitos, pois, segundo Weinreich, "relative proficiency should be measured for a given moment in the bilingual's life, since the ratio can change in the course of time" (1970:75). A proficiência será observada, e não medida, do ponto de vista da expressão oral, mas não do ponto de vista da compreensão e fala interna.

Não trataremos ainda da mistura de línguas a nível fonológico, já estudada por Doi (1983). Não faremos um inventário detalhado dos casos de "borrowing" e "code switching" porque extrapolam os nossos objetivos.

Não utilizamos gravações em situações reais de comunicação porque nosso objetivo principal não era registrar casos de "code switching" especificamente. Um segundo motivo foi o fato de esse tipo de coleta implicar em maior número de gravações.

IV. Análise dos Dados.

Na primeira parte deste capítulo, analisaremos o CORPUS ORAL, quanto ao uso do keigo pelos nipo-brasileiros, depois, quanto à influência do "input" de nativos na produção oral desses falantes. Na segunda, analisaremos o CORPUS ESCRITO, segundo os critérios de Weinreich, pelos quais se depreende qual é a língua nativa dos sujeitos (Questionário 1). Quanto ao Questionário 2, a aceitação/não aceitação de cada frase pelos sujeitos será analisada pela investigadora, tendo como parâmetro o uso do keigo (de freqüente uso em japonês, de uso reduzido em "coloniago").

1. CORPUS ORAL

Uso do keigo

De um modo geral, nota-se que o nipo-brasileiro usa os pronomes pessoais de 1ª e 2ª pessoas com maior freqüência que um falante nativo. Percebe-se que as pessoas que tiveram "input" de nativos, por terem voltado recentemente do Japão, tendem a suprimir mais habilmente os pronomes pessoais (S1, S13, S11 e S14) e mostram que sabem seleccionar o nível de linguagem durante o diálogo mantido com a entrevistadora (S7, S2 e S8).

Observou-se ainda o uso de um outro recurso, o de substituir o pronome da 2ª pessoa pelo termo que marca o relacionamento en-

tre entrevistadora e entrevistados, como S17, que empregou o termo obatiam que corresponde a "tia" em português, ou ainda nos casos de S10, S16, S4, S5, S6 e S18 que preferiram utilizar o termo sensei, que significa "professor(a)" e é uma forma de tratamento de respeito. Esse recurso é freqüentemente utilizado no Japão em ambiente de escola ou de trabalho, onde o cargo ocupado é utilizado como um pronome da 2ª pessoa. As pessoas assim referidas ocupam sempre um cargo de nível superior ou gozam de um posto de maior prestígio que o do falante. Por exemplo, um pai de aluno ou um funcionário de firma ou companhia usariam os termos:

sensei = professor

kotyo sensei = diretor

bucho = chefe

sacho = presidente

No caso de S17 (mulher), ao invés de utilizar os pronomes watashi ou watakushi, utilizou freqüentemente o próprio nome. Isto corresponderia, em português, ao seguinte:

"Rosa não gosta de maçã", ao invés de "Eu não gosto de maçã". Segundo a dialetóloga, da Universidade Estadual de Gumma, Dra. Reiko Shinogi, essa substituição ocorre no japonês falado no Japão, com crianças de até 4 a 5 anos, quando então começam a ser corrigidas com vistas ao ingresso no jardim de infância, isto é, quando saem de um convívio estritamente familiar. O mesmo recurso foi utilizado por S15, durante o diálogo com seus filhos, isto é, nunca utilizou o pronome referente à 2ª pessoa, mas somente o nome da própria criança e, em substituição ao pronome de 1ª pessoa,

utilizou okasam, que significa "mãe". Esse caso apareceu bastante no questionário, como veremos mais adiante.

Com relação ao keigo, surgiu um desvio com o chamado verbo auxiliar (ou partícula formulativa de respeito) neru:

Ex.: asobareru (S15) -> asoberu (JJ)

ikaremashita (S13) -> ikimashita (JJ)

yatteikareru (S13) -> yatteikeru (JJ)

ikarete (S13) -> ikete (JJ)

tsuite ikaremashita (S13) -> tsuite ikimashita (JJ)

Suzuki menciona que, de um modo geral, a forma mais longa é considerada a mais polida (1984: 151). É o caso de S15 e S13, que escolhem a forma mais longa como sendo a mais polida (coluna da esquerda), mas que, na verdade, são expressões de respeito, que não podem ser utilizadas ao se referir ao próprio falante.

Percebe-se ainda que os jun-nisseis usam menos pronomes pessoais ou sintagmas nominais referentes ao falante e ao interlocutor, quando o monitor atua. Por exemplo, o S9, ao perguntar à entrevistadora "sua mãe...?", no início falou anta no okasanwa ..., utilizando o possessivo. Mas, como já foi visto, okasam já significa "sua mãe", e a entrevistada, percebendo que a entrevistadora não precisava do reforço do possessivo, acabou abolindo por completo esse uso. Mas, entre os nisseis, isso não ocorre, havendo um abuso de pronomes pessoais e possessivos, fato que distancia sua fala do japonês-padrão. E aí surge o grande problema para os falantes nipo-brasileiros, que não sabem que o sentido de posse está incluído a nível léxico-estrutural em alguns termos do japo-

nês que indicam o relacionamento de parentesco (como pai, mãe, irmão, avô, etc.):

Ex.: J: chichi wa sensei desu.

TL: pai professor é

P: Meu pai é professor.

O termo de modéstia chichi já significa que o pai de quem estou falando é "meu", pois se o pai fosse do interlocutor teria que usar o tratamento de polidez otosam. Poderia ainda usar chichi para me referir não ao "meu pai", mas ao pai de minha sobrinha Erika, por exemplo, dizendo Erika no chichi wa... (o pai de Erika...), pois ele faz parte do meu círculo e não do do meu interlocutor.

Mas no repertório dos nipo-brasileiros não consta a palavra chichi e, por isso, eles usam o termo otosam para o próprio pai ou para o pai do outro, o que acarreta ambigüidade: "meu" ou "do interlocutor"? Esse fato leva o falante a utilizar com grande frequência o possessivo "meu", "seu", isto é, watashi no otosam, anata no otosam. Pode ocorrer watashi no okasam no japonês falado entre crianças no Japão (idade em que o uso do keigo é menos exigido), mas nunca aparece no diálogo entre adultos. Eventualmente poderia aparecer uchi no otocham, num diálogo informal entre duas amigas, onde uma usa uchi no (=de casa) e otocham (variante afetiva de otosam), para se referir ao marido, ao pai lá de casa.

Ao dizer watashi no (anata no) otosam, o nissei comete dois desvios em relação à língua-padrão falada no Japão:

A. uso inadequado do keigo otosam - chichi

B. uso excessivo da marca do possessivo da 1ª e 2ª pessoas.

Essa marca do possessivo da 1ª e 2ª pessoas parece ser introduzida na fala dos nipo-brasileiros, por influência do português, onde, com grande frequência, o substantivo vem precedido do pronome adjetivo possessivo (meu pai, sua mãe, etc.). A grande ocorrência dessa marca em português traz um outro grande problema. O possessivo, em japonês, é expresso léxico e estruturalmente pelo pronome pessoal seguido da partícula genitiva, o que implica na escolha de um pronome pessoal dentre uma vasta lista subordinada às regras do keigo. Ex.:

<u>watakushi</u>	}	<u>no</u>	---	meu, minha	
<u>watashi</u>					
<u>atashi</u>					
<u>boku</u>					pt. genit.
<u>ore</u>					

<u>Anata</u>	}	:	---	teu, tua		
<u>anta</u>						
<u>kimi</u>					<u>no</u>	seu, sua
<u>omae</u>					pt. genit.	
<u>kisama</u>						

A realização dessa regra é simplificada para watashino e anatano apenas para uso de aprendizes de japonês como segunda língua ou língua estrangeira, pois de um falante de japonês exigir-se-ia a aplicação das regras do keigo que regem a escolha do pronome de 1ª e 2ª pessoas. Embora anata seja um termo de respeito, não é facultado o seu uso a pessoas mais velhas ou que ocupam

postos superiores. O japonês usaria anata no hon em algumas situações restritas (diálogos entre duas amigas, por exemplo) e na maioria das vezes, simplesmente aboliria o uso de anata no.

Assim, para expressar "este é o seu livro?", o interlocutor deve utilizar outros elementos, como o keigo, e demonstrar indiretamente que o livro não é do interlocutor:

1. Kono qohon wa ...? (E este livro ...?)

este livro

qohon (termo de polidez) antepondo-se a partícula go ao hon (=livro).

2. Kono hon wa donata no desuka? ("de quem", com polidez)
3. Kono qohon wa donata no deshoka? ("de quem", com polidez mais deferência)
4. Kono hon wa sensei no desu ka? (sensei = professor)
5. Kono hon wa bucho no desuka? (bucho = chefe)

Nos exemplos : 4 e 5, empregou-se o cargo da pessoa no lugar do pronome pessoal. Pode-se ainda recorrer ao nome do possuidor, marcado ou não com sufixos como -sam, -kun e -chan.

6. Kono hon wa Tanaka-kun no ka? (kun, quando Tanaka é do mesmo nível ou inferior ao do interlocutor).
7. Kono hon wa Tanaka no ka? (Tanaka é de nível mais baixo ou de mesmo nível em ambiente informal)
8. Kono hon wa Mari-chan no? (Mari-chan é uma criança)

E é esse o leque de opções que o keigo oferece aos pronomes pessoais, que é pouco utilizado pelos nisseis e sanseis.

Outro elemento detectado foi o desequilíbrio nos níveis do keigo, no que se refere ao verbo (na fala de S9). Ex:

J: Mei ga irasshitara shirasemasu.

TL: sobrinha vier aviso

P: Aviso quando minha sobrinha vier.

Esse sujeito utilizou inadequadamente irasshitara, que é um termo de polidez. Para falar com a investigadora, que não é de sua família, ela deveria usar o termo de modéstia (mei ga mairimashitara) ou o termo com grau zero de polidez (mei ga kimashitara). Esse sujeito sabe que, ao falar com pessoas que não pertencem à sua família, deve usar o keigo, mas não sabe distinguir o tratamento de polidez do tratamento de modéstia, isto é, entre os verbos irassharu, mairu e kuru (=vir). Isso ocorre também com S15 e S13, que confundem o termo de respeito com o termo de tratamento zero.

Tudo isso significa que entre nisseis que falam razoavelmente bem ou de modo próximo ao do nativo, o uso do keigo se distancia da linguagem-padrão do nativo. Por outro lado, fica claro que eles têm consciência de que o keigo existe e deve ser utilizado ao conversar com pessoas que não pertençam ao seu círculo.

Painel de juízes: avaliação dos sujeitos

Foram atribuídas notas de 1 a 10 para cada um dos sujeitos. Os juízes variaram na avaliação: um deu peso maior à inclusão ou não de termos do português; outro à velocidade da fala; outro à entonação; outro ao uso ou não de dialeto. Conforme a média obtida, obteve-se o seguinte resultado, conforme o critério abaixo:

1. Fala como um nativo: nenhum sujeito;
2. Fala quase igual a um nativo: S1, S2, S3, S4, S5, S6, S7, S8, S9;
3. Fala de modo próximo ao de um nativo: S10, S11, S12, S13, S14;
4. Fala de modo não muito distante do de um nativo: S15, S16, S17, S18;.
5. Fala de modo distante do de um nativo: nenhum sujeito.

Isto é, os sujeitos podem ser divididos em 3 grupos apenas, não ocorrendo nenhum caso de sujeitos que falam igual a um nativo, nem de modo muito distante do de um nativo.

A não atribuição da classificação "igual ao de um nativo" ocorreu pelos seguintes motivos:

1. uso de estrangeirismo canalizado do português e não do inglês, como:

"Cristo" -> "Curisuto" (JB) (S2), ao invés de "Kirisuto" (JJ)

"Brasileiro" -> "Burasireira" (JB) (S9) - "Burajiru jin" (JJ)

"Brasil" -> "Burasiru" (JB) (S9) - "Burajiru"

2. uso da frase: nanto ittara iinokana ..., isto é, "como poderia dizer..." numa demonstração nítida que recorre a uma estratégia, enquanto procura um termo ou uma frase adequada para o que quer transmitir (S7).

3. uso de termos que hoje são pouco utilizados no japonês-padrão, como:

sanjutsu (= matemática) (JB) (S2), ao invés de sansu (= aritmética) ou suogaku (= matemática)

jochu (JB), ao invés de meido (JJ) (S3)

4. uso de palavras que hoje têm um sentido específico no Japão:

kimono (JB) (S1) = roupa, ao invés de yofuku (JJ) = roupa ocidental (hoje, no Japão, kimono significa roupa japonesa, estilo oriental).

5. uso de expressões não usuais:

"bimbo ga inai" (S3)

"para para detekonai" (S8)

"shiro gohan" (S8)

6. uso de entonação dialetal:

oke (=barril) (JB) (S2) → ōke (JJ)

hoteru (=hotel) (JB) (S2) → hōteru (JJ)

yoru (=noite) (JB) (S2) → yōru (JJ)

kochi (=terras cultivadas) (JB) (S2) → kōchi (JJ)

7. uso de "borrowing" e "code switching":

"fazenda" (S2, S9)

"cunhado" (S3)

"goiaba" (S4)

"influência" (S4)

"caça-suru" (S2)

"acho que" (S8)

"ajuda suru" (S6)

Apenas duas pessoas (S1 e S7) não utilizaram "code switching" numa fala de 30 minutos; os que o utilizaram o fizeram de modo muito variado. Um elemento decisivo na sua utilização é, segundo Weinreich e Handa, a falta de um vocabulário adequado no meio cultural no qual o contato ocorre; como por exemplo: "goiaba", "abacate", "colher" (S4), "sítio", "fazenda", "caminhão" (S2 e S9), "sacola" (S6), "festa" (S9). A pronúncia, naturalmente, é quase sempre ajaponeizada com suarabácti ("pasutesu" (S5) para "pastel") ou com redução/modificação do "lh", de difícil pronúncia, ou a adoção da pronúncia caipira, como "colher" que passou a "cuiê". E, ainda, há termos mistos como: algodão zukuri (= cultivo do algodão), ao invés de watazukuri (wata = algodão, zukuri = cultivo). Há ainda CS em que o verbo é introduzido na 3ª pessoa do presente do indicativo, acrescido de final de verbo em português, como "caça-suru" (suru = fazer) (S2), "ajuda-suru" (S6) e inúmeros outros, como "namora-suru", "funciona-suru", "passiá-suru", "senta-suru" e o curioso "cabô-shita" ("acabou", + shita, passado do v. suru), ao invés de "acabou".

Outro fato que se notou é que os sujeitos que tiveram uma certa escolaridade no Brasil tendem a utilizar CS para substantivos abstratos, como "influência", "esforço", "segura" (S4), "ideal" (S3). Isso se deve, em nossa opinião, à maior dificuldade em relação ao vocabulário referente a noções abstratas.

Mas, de qualquer forma, dos 18 sujeitos entrevistados, 8 foram considerados como falantes "quase igual ao de um nativo" e 5 como "próximo ao de um nativo"; mesmo os considerados como "de fala distante da de um nativo" sentem-se à vontade falando o japonês e não deixam de dizer aquilo que se propõem, isto é, um desempenho tido como bom se fossem considerados estrangeiros falando japonês.

A influência do "input".

Dos 18 sujeitos gravados, os 3 de mais idade são jun-nisseis e os outros nisseis, sendo que 9 estiveram no Japão. Desses 9, 3 estiveram de 1 a 3 anos como estudantes, e o restante permaneceu de 1 a 3 meses. Isso significa que o contato com o Japão foi percentualmente baixo, a ponto de não podermos detectar se influenciou ou não na proficiência do japonês. Daí depreende-se que o japonês desses falantes foi adquirido em situação de pseudo-imersão. Entretanto, os sujeitos que receberam "input" proveniente de nativos vindos mais recentemente do Japão tendem a suprimir mais habilmente os pronomes pessoais, como no caso de S7 e S8, além de saberem seleccionar o nível de linguagem durante diálogo

mantido com a entrevistadora, como no caso de S5, S6, S8 (a entrevistadora foi professora de japonês de S5, S6, S8 e também de S10, S14, S16 e S18).

Com relação à língua nativa, os jun-nisseis consideram o japonês como sua L1, enquanto os nisseis tendem a considerar o português como sua L1. Essa tendência é proporcionalmente maior quanto maior for o nível de escolaridade no Brasil. Isto é, S8, por exemplo, é brasileira de nacionalidade, mas como estudou pouco aqui, considera-se japonesa, sente-se mais à vontade falando japonês e tem o japonês como sua L1. O fato de S8 se considerar japonesa explica-se, segundo Weinreich, por ter sido o japonês a língua adquirida primeiro. Na verdade, todos aprenderam o japonês antes do português, e mantiveram só o japonês até a idade escolar, com exceção de S10, que morou no Rio, fora da colônia.

2. CORPUS ESCRITO

Questionário 1

Dos 206 questionários enviados (vide Apêndice I), 89 foram respondidos, 9 voltaram por motivo de mudança do destinatário e 3 não foram respondidos pelo fato de os sujeitos estarem em viagem ao exterior. Dos 89 questionários, 11 foram respondidos por jun-nisseis, 64 por nisseis e 14 por sanseis; dos jun-nisseis, 4 foram considerados japoneses, por terem imigrado para o Brasil depois da idade escolar e, por isso, não foram computados para efeito desta pesquisa por não se enquadrarem ao bilíngüe alvo,

nissels, 64 por nissels e 14 por sansels; dos jun-nissels, 4 foram considerados japoneses, por terem imigrado ao Brasil depois da idade escolar e, por isso, não foram computados para efeito desta pesquisa por não se enquadrarem ao bilíngue alvo, isto é, aquele que foi criado em situação de pseudo-imersão. Portanto, serão analisados 85 questionários.

Para a análise dos questionários, foram usados os cinco critérios de Weinreich (p.75) para a determinação da língua materna :

1) Atitudes com relação a cada língua (perguntas 1 e 2).

Com relação à pergunta 1 ("Você se sente mais à vontade falando que língua?"), obtiveram-se os seguintes números:

japonês	português	jap. e port.	não respondeu
26	55	7	1

Com relação à pergunta 2 ("Que língua você considera como sua língua nativa?"), obtiveram-se os seguintes números:

japonês	português	jap. e port.	não respondeu
31	53	3	2

Considerando as possíveis alternativas lógicas, juntando as questões 1 e 2, temos:

JJ = 21 JP = 5 (JJ)P = 3 (JP)(JP) = 2
 PP = 41 PJ = 10 (JP)J = 1 3 incompletos

100% dos jun-nisseis fez a opção JJ e 100% dos sanseis, a opção PP; as oscilações ficam inteiramente para o grupo dos nisseis, demonstrando que esses passam por um estágio de "language shift".

2) Facilidade de expressão verbal (coberta pelas questões 3 e 4).

3. Meu japonês falado é:

	JN	N*	S	Total
igual ao de um nativo	2	10	-	12
quase igual ao de um nativo	3	14	-	17
próximo ao de um nativo	1	19	3	24
não muito distante do de um nativo	1	19	7	27
muito distante do de um nativo	-	4	4	9

* um não respondeu

Com relação à pergunta 3, muitos marcaram itens que, segundo a pesquisadora que os conhece pessoalmente, não condizem com seu verdadeiro desempenho, isto é, optaram por um item abaixo em termos de competência.

3) Habilidade em separar as duas línguas.

A. Quando falo japonês:

	JN	N	S	Total
nunca uso palavras em português	1	13	2	16
quase não uso palavras em português	5	47	7	59
uso muitas palavras em português	1	14	3	16

Esta questão serve como critério também para verificar a facilidade de expressão verbal, e ainda o uso de empréstimos e de "code switching", e a habilidade de separar as duas línguas.

4) Proficiência relativa em cada língua.

4. A) Quando falo japonês:

	JN	N	S	Total
falo sem precisar me corrigir	2	12	4	18
preciso parar algumas vezes para pensar	-	29	9	38
preciso parar muitas vezes para pensar	-	-	1	1
falo muito devagar, usando muitos "ah", "eh", "g"	-	4	3	7

B) Meu japonês falado é:

	JN	N	S	Total
mais rápido que meu português falado	6	7	-	17
tão rápido quanto meu português falado	1	37	6	44
50% mais lento que meu português falado	-	16	7	23
70% mais lento que meu português falado	-	4	-	4
100% mais lento que meu português falado	-	-	1	1

C. Eu falo japonês:

	JN	N	S	Total
sem me cansar	6	43	6	55
sem deixar de falar tudo o que quero	2	24	5	31
deixando de dizer algumas coisas de que gostaria	-	18	9	27
deixando de dizer muitas coisas de que gostaria	-	2	2	4

Percebe-se que a maioria dos sujeitos se sente à vontade ao falar o japonês, não recorrendo ao português com frequência, e seu desempenho pode ser considerado quase igual ao de um nativo. Alguns informantes responderam que nunca usam palavras em português, nem deixam de falar tudo o que querem e se expressam de modo tão rápido quanto em português, isto é, apresentam um desempenho considerado quase igual ao de um nativo, mas responderam, na questão 3, que o seu "japonês é muito distante do de um nativo" devido unicamente à pronúncia, que não é a de um falante nativo.

5) Habilidade em usar a língua dependendo do tópico e do interlocutor.

Este critério será comparado ao (4), proficiência relativa em cada língua, em que os informantes anexaram uma nota. Por exemplo, no item 4 C, um sujeito optou por "deixando de dizer algumas coisas que gostaria", mas acrescentou a ressalva "dependendo do assunto"; no item 4A, outros sujeitos optaram, por "quase não uso palavras em português" e também "nunca uso palavras em português", "se meu ouvinte não compreender o português". Portanto, na caracterização do bilíngüe em situação de pseudo-imersão, o seu desempenho fica na dependência do assunto e do interlocutor.

Em relação à situação de pseudo-imersão, dos 85 sujeitos que responderam ao questionário, obtiveram-se os seguintes resultados:

Eu aprendi a falar japonês:

	JN	N	S	Total
A. desde 1 ano e pouco ou 2 anos				
até 7 ou 8 anos	7	60	9	76
dos 7 ou 8 anos em diante	-	5	2	7
na adolescência	-	2	2	4
depois de adulto	-	1	1	2
B. em casa, no Brasil	5	50	7	62
na escola da colônia	5	43	14	62
no <u>nihonjinkai</u>	-	3	1	4
numa escola do Japão	1	10	1	12
outros	-	3	2	5
C. ao mesmo tempo que o português	-	13	5	18
antes de aprender o português	7	51	4	62
depois de aprender o português	-	4	5	9

Aqui também fica plenamente confirmado que os nipo-brasileiros bilingües aprenderam primeiro o japonês (62 entre 85 sujeitos), sendo que 62 aprenderam o japonês em casa, e ainda, 62 sujeitos afirmaram que estudaram nas escolas da colônia japonesa. Como foi demonstrado na "caracterização da situação de pseudo-imersão", essas escolas eram construídas e sustentadas pelas próprias colô-

nias, ou seja, que elas foram realmente ativas na propagação e manutenção da língua japonesa.

Como era de se esperar, todos os jun-nisseis aprenderam primeiro o japonês. No caso de nisseis, 82,8% aprenderam primeiro o japonês:

Esses sujeitos falam japonês:

	jun-nissei	nissei	sansei	total
sempre	6	33	1	40
às vezes	1	33	12	46
nunca	-	1	1	2

e conversam com:

	jun-nissei	nissei	sansei	total
parentes	6	53	9	68
amigos	3	29	3	29
colegas de trabalho	2	17	4	23
pais	3	54	9	66
outros	-	8	4	12

Isso vem provar que a situação de pseudo-imersão é um fator forte na manutenção da língua, pois ela é ativada e mantida pelos pais e parentes. Esses parentes, em geral tios e tias, são mais idosos que os sujeitos, o que significa que, acabada a geração dos tios e pais, os nipo-brasileiros terão poucos elementos para manter

viva a língua japonesa.

Outro elemento que marca a situação de pseudo-imersão é que muitos sujeitos responderam que moraram no interior (63), em oposição a 23 que moraram só em São Paulo. Isto confirma a tese de Saito (1956: 34-35) que afirma que, em áreas rurais, mantiveram-se as características da colônia, em maior escala que em áreas urbanas ou suburbanas onde verificou-se a diversificação profissional e conseqüente aculturação em tempo mais acelerado.

Questionário 2

Uso do keigo

Vamos fazer a leitura dos dados fornecidos pelos 89 sujeitos em relação ao uso do keigo, das frases acima citadas. Em primeiro lugar, colocaremos um quadro com a nossa avaliação das frases e depois a dos sujeitos. Em seguida, faremos o comentário de cada uma das frases, seguido da avaliação dos sujeitos separados em jun-nisseis, nisseis e sanseis.

Quadro da avaliação das frases do Questionário 2

(respostas esperadas e resultados obtidos).

F	1		2		3		4		5		6		7		8		9	
C	A	I	A	I	A	I	A	I	A	I	A	I	A	I	A	I	A	I
AE		X	X			X		X	X			X	X			X		X
RG	16	69	2	83	29	56	40	45	39	46	27	58	50	35	28	57	19	66

F = Frases

C = Conceitos

AE = Avaliação Esperada

RG = Resultados Globais

A = Aceitável

I = Inaceitável

Frase 1.

J: Sensei, Ashita watakushi no otosam ga gosodan

TL: Professor amanhã eu de pai conversar

J: ni mairimasu.

TL: para vem

P: Professor, amanhã meu pai vem conversar (com o senhor).

Pelos termos watakushi, gosodan, mairimasu, percebe-se que a situação é de formalidade, e a fala pertence a um aluno ou semelhante que dirige a palavra a um professor. Dado o tom formal, não se pode usar o termo otosam referindo-se ao próprio pai, sendo chichi a forma adequada. O emprego indevido desse keigo leva o falante a cometer um segundo desvio: o emprego do possessivo. A frase em japonês-padrão seria: Sensei, ashita chichi ga gosodan ni mairimasu.

jun-nissei				nissei			sansen			total geral		
F	sim	não	T	sim	não	T	sim	não	T	sim	não	T
1	2	5	7	13	51	64	1	13	14	16	69	85
%	28,6	71,4	-	20,4	79,6	-	7,1	92,9	-	18,9	81,1	-

Percebe-se que a não-aceitação da frase 1 cresce no sentido jun-nissei -> sansen, o que constitui uma surpresa. Aqui não houve um distanciamento maior em relação à língua-padrão, de modo proporcional às gerações mais novas, devido talvez ao conhecimento passivo das regras.

Frase 2.

J: Kono hon wa ore no da.

TL: este livro eu de é

P: Este livro é meu.

Como foi usado o pronome pessoal ore, percebe-se que essa fala ocorre num ambiente bastante informal e entre pessoas que pertencem ao mesmo círculo (por exemplo, entre dois estudantes, dois amigos, dois funcionários de uma mesma firma), o falante é do sexo masculino, e o interlocutor é do mesmo nível ou de nível mais baixo que o falante. Aceitas essas restrições, a frase é correta, gramaticalmente falando. O jodoshi da com grau de tratamento zero é compatível com orê, em termos de nível de linguagem, e pode intensificar a informalidade do tom informal e, dependendo das circunstâncias, pode acrescentar uma conotação de indelicadeza e até de agressividade.

Jan-nissei				nissei			sansei			total geral		
F	sim	não	T	sim	não	T	sim	não	T	sim	não	T
2	-	7	7	-	64	64	2	12	14	2	83	85
%	-	100	-		100		14,2	85,7		2,3	97,6	

A frase 2 foi considerada inaceitável por 83 sujeitos e aceitável apenas por 2 sujeitos, um do sexo masculino e outro do sexo feminino, confirmando a previsão de que poucos usariam essa frase em suas falas, pois a maioria dos sujeitos é do sexo feminino. Permissão maior ocorreria somente entre os homens, mas somente na fala. Então deixa de ser notável o fato de um sujeito do sexo feminino ter incluído em sua fala uma expressão aceita somente em situações muito limitadas, por exemplo, entre amigas, em tom de brincadeira, de gozação, pois o uso do pronome ore é totalmente inaceitável, em situações normais na fala de uma mulher.

Frase 3.

J: Ane ga yoroshiku to osshatte imashita.

TL: minha irmã lembranças disse

P: Minha irmã mandou lembranças.

O uso do termo ane (=minha irmã) evidencia que a fala ocorre em situação formal, e o interlocutor, além de ser uma pessoa fora do círculo do falante é, provavelmente, superior e mais velho que ele. Portanto, é inadequado o uso do keigo osshatte (=verbo ossharu = dizer), pois quem manda lembranças é ane (=minha irmã), um elemento que pertence ao círculo do falante. Em japonês-padrão seria:

ane ga yoroshiku to itte(i)mashita (formal)

moshite(i)mashita (+ formal).

jun-nisseis				nisseis			sanseis			total geral		
F	sim	não	T	sim	não	T	sim	não	T	sim	não	T
3	3	4	7	23	41	64	3	11	14	29	56	85
%	42,8	57,1	-	35,9	64,0	-	21,4	78,5	-	34,1	65,8	

Aqui, o resultado é semelhante ao da frase 1, isto é, a não aceitação é crescente no sentido jun-nissei -> sensei.

Frase 4.

(4) J: Kino, kingyo ni essa o agenakatta.

TL: ontem, peixe ornamental para ração não dei

P: Ontem, não dei ração para o kingyo.

Se comparada com:

Ex.: J: Sensei, ni hon o agemashita

TL: Professor para livro dei

P: Dei o livro ao professor.

observa-se que, no primeiro caso, em que o verbo "dar" se refere a um animal, não se justifica o uso do verbo de respeito ageru, sendo suficiente o termo com grau zero de tratamento yarū, isto

é,

J: Kino, kingyo ni esa o yaranakatta.

Conforme relata Minami (1987:190-193), há uma grande polêmica em torno do verbo yaru e ageru pois a tendência atual é ageru deixar de ser keigo e tornar-se uma expressão de polidez. Entretanto, gramáticos como Iwabushi e Oichi ainda são, segundo Minami, de opinião de que ageru é um keigo e não deve ser empregado se o objeto indireto refere-se a alguém da família. Fica patente, então, o caráter pessoal da questão e, por esse motivo, vamos considerar essa frase como aceitável.

Jun-nisseis				nisseis			sanseis			total geral		
F	sim	não	T	sim	não	T	sim	não	T	sim	não	T
4	5	2	7	30	34	64	5	9	14	40	45	85
%	71,4	28,6	-	46,8	53,1	-	35,7	64,2	-	47,0	52,9	-

Com relação à frase 4, 40 aceitaram-na como correta, o que representa 47,05% do total, contra 52,95% que não a aceitaram; o curioso é que o número de pessoas que a aceitam é proporcionalmente maior nos Jun-nisseis e decrescem na direção nissei, sansei, isto é, ageru está sofrendo um processo inverso do que ocorre no Ja-

pão, ou seja a caracterização nítida de que ageru é um keigo, não devendo, portanto, ser usado para animais.

Frase 5.

J: Ototo ni okozukai o yatta.

TL: meu irmão menor para mesada dei

P: Dei mesada ao meu irmãozinho.

Pelo mesmo motivo explicado em (3), yatta (V. yaru = dar), pode ser empregado pois quem recebe a mesada é "o meu irmãozinho", pessoa de meu círculo que não exige o uso do keigo ageru. Portanto, gramaticalmente, a frase é correta mas é de se esperar que muitas mulheres (que usam mais keigo que os homens), a considerem fora de seu vocabulário, por considerá-la pouco polida.

jun-nisseis				nisseis			sanseis			total geral		
F	sim	não	T	sim	não	T	sim	não	T	sim	não	T
5	2	5	7	28	36	64	9	5	14	39	46	85
%	28,5	71,4	-	46,7	56,2	-	64,2	35,7	-	45,8	54,1	-

A não aceitação da frase 5 é decrescente no sentido jun-nissei -> sansei, confirmando a asserção feita acima: o sansei aceita o

verbo yaru como termo de grau zero de polidez e o verbo ageru como termo de respeito, isto é, keigo. Por outro lado, a não aceitação maciça dos jun-nisseis pode ser explicada pelo fato de esses sujeitos serem mulheres, embora a considerem gramaticalmente correta.

Frase 6.

J: Sensei, chichi ga sensei ni mo irashite

TL: Professor, meu pai professor também vir

J: hoshii to osshaimashita.

TL: gostaria falou

P: Professor, meu pai falou que gostaria que o professor também viesse.

Essa fala ocorre provavelmente entre aluno e professor, devido ao uso do termo chichi. Sensei deve ser repetido pois não se deve pronominalizar nomes de pessoas superiores. O verbo irashite (v. irassharu = vir) é um termo de respeito, que é compatível com sensei em termos de nível de linguagem. O problema está no verbo osshaimashita (v. ossharu = dizer), que é um termo de respeito que não pode ser empregado quando o "meu pai" (chichi) fala. O correto seria:

P: Chichi ga iimashita ou chichi ga moshimashita.

isto é, iimashita com grau zero de polidez ou moshimashita, termo de respeito. A frase é complexa e testa a capacidade do falante,

pois entram em jogo termos de modéstia, de respeito e de polidez.

jun-nisseis				nisseis			sanseis			total geral		
F	sim	não	T	sim	não	T	sim	não	T	sim	não	T
6	1	6	7	18	46	64	8	6	14	27	58	85
%	14,2	85,7	-	28,1	71,8	-	57,1	42,8	-	31,7	68,2	-

A aceitação da frase 6 é crescente no sentido jun-nissei -> sansei, isto é, o desconhecimento do keigo pelos sanseis fica evidente quando a frase se complica, pois há um jogo entre termos de respeito e de modéstia.

Frase 7.

(7) (Ao telefone)

J: - Nakamura bucho ni mensetsu o onegai shitai

TL: chefe com encontro pediu gostaria

J: to uchi no shacho ga moshiteorimasuga

TL: nosso presidente está dizendo

J: - Tadaima Nakamura wa shayo de seki o hazushite

TL: no momento a serviço lugar está

J: orimasuga

TL: ausente

P: - O nosso presidente está pedindo um encontro com o (seu) chefe Nakamura.

- No momento, Nakamura está ausente do seu posto, a serviço ...

Trata-se de um telefonema em que se deseja transmitir um recado do presidente de uma firma ao senhor Nakamura, chefe de uma outra firma. Hierarquicamente falando, um presidente é mais importante que um chefe, mas como o presidente pertence ao círculo do falante, este usa expressões de modéstia ao se referir ao seu presidente (onegai shitai, moshiteorimasuqa). Por outro lado, o interlocutor faz o mesmo com o seu chefe, referindo-se a ele pelo nome (Nakamura) sem nenhum elemento que marque a polidez como "nome + san" ou o nome do cargo que ocupa. Esse fato, que não condiz com as normas da sociedade ocidental, choca o nipo-brasileiro que poderá não aceitá-lo.

jun-nisseis				nisseis			sanseis			total geral		
F	sim	não	T	sim	não	T	sim	não	T	sim	não	T
7	4	3	7	38	26	64	8	6	14	50	35	85
%	57,1	42,8	-	59,3	40,6	-	57,1	42,8		58,8	41,1	

A aceitação da frase 7 foi equilibrada em todas as gerações, isto é, 57% a 59% consideram-na correta. Dois sujeitos responderam que estavam "chutando", pois termos como mensetsu (= entrevista), shayo (=a serviço) não faziam parte do seu vocabulário cotidiano.

Frase 8.

(Entre mãe e filha pequena)

J: Ayako, oheya katazuitakara mo benkyo hajimetemo iiyo.

TL: quarto como limpei já estudar começa pode

J: Ah, okasan, kireini nattane, gokurosama.

TL: mamãe limpo ficou obrigada

P: Ayako, como já limpei o (seu) quarto, já pode começar a estudar.

Ah, mamãe, (como) ficou limpo! Obrigada.

Mãe e filha conversam num ambiente informal e íntimo, mas não é adequado à filha dizer goburosama, que é utilizado somente para pessoa de nível mais baixo. Ela deve usar o termo arigato, que é de respeito. Goburosama poderia ser usado pelo filho, já adulto, com um certo "status" social ao se dirigir à mãe.

F	jun-nisseis			nisseis			sanseis			total geral		
	sim	não	T	sim	não	T	sim	não	T	sim	não	T
8	4	3	7	21	43	64	3	11	14	28	57	85
%	57,1	42,8	-	32,8	67,1	-	21,4	78,5		32,9	67,0	-

A não aceitação da frase 8 é crescente no sentido jun-nissei -> sansei.

Frase 9.

(Entre colegas de serviço)

J: Kacho ga mo kaettemo yoi to mosaremashita.

TL: chefe já embora pode falou

J: Ah, yokatta!

TL: que bom

P: O chefe falou que já podemos ir embora.

Ah, que bom!

O funcionário, ao se referir ao seu chefe, deveria empregar o termo de respeito osshaimashita (v. ossharu = falar) e até o grau zero de tratamento imashita (v. iu = falar), pois a conversa é entre colegas de serviço. Mas nunca deveria usar o termo de mo-

déstia mosaremashita (v. mosu = falar).

F	Jun-nisseis			nisseis			sanseis			total geral		
	sim	não	T	sim	não	T	sim	não	T	sim	não	T
9	3	4	7	10	54	64	6	8	14	19	66	85
%	42,8	57,1	-	15,6	84,3	-	42,8	57,1	-	22,3	77,6	

A frase 9 é aceita pela maioria, sendo que os nisseis rejeitaram-na de modo maciço.

Considerações gerais.

As frases 3 e 6 trazem os mesmos problemas, com a diferença de que a frase 6 apresenta-se um pouco mais complicada; quanto à frase 3, 29 aceitaram e 56 não; quanto à frase 6, 27 sim e 58 não. Nota-se também o que se poderia chamar de coerência interna, pois dos 29 que aceitaram a frase 3, 19 aceitaram, também, a frase 6. O que acontece é que, como a frase ficou mais complexa, menor número de sujeitos pôde detectar a incorreção, isto é, 10 sujeitos a menos conseguiram detectá-la na frase 6. Por outro lado, dos 27 que aceitaram a frase 6, 19 aceitaram também a 3, mas 8 aceitaram somente a 6, sendo que desses 8, 5 são sanseis, isto é, sujeitos para quem o domínio do keigo é menos esperado.

Como resultado, dos 85 sujeitos que responderam ao questionário somente 1 sansei e 5 nisseis consideraram 5 e 7 corretas mostrando coerência na escolha do keigo. Outros, que consideraram 5 e 7 como corretas, entraram em contradição nas outras frases, provando o pouco domínio na questão.

Pelo fato de a frase 5 ser considerada incorreta por 46 dos 85 sujeitos e a frase 2 por 83 dentre os 85, embora na realidade as frases estivessem corretas, mostra que, do ponto de vista do japonês-padrão, a compreensão do keigo não é satisfatória entre os nipo-brasileiros. Por outro lado, do ponto de vista desses falantes bilíngües, num contexto socio-cultural específico, o que se depreende é que o keigo está passando por um processo de substituição.

O pronome pessoal

Com relação ao pronome pessoal da 1ª e 2ª pessoas, não foi utilizado o leque de opções hoje empregado no japonês:

1.a pessoa -> watakushi, watashi, atashi (usado para mulheres)

watashi, boku, orê, washi (usado para homens)

2.a pessoa -> anata, anta, kimi, omae

O resultado obtido através do questionário é o seguinte, conforme a tabela abaixo:

1ª pessoa

	wata- kushi	wata- shi	ata- shi	yo	ôce	ôcera	orê	boku	eu
jun-	2	3	-	2	-	1	-	-	1
nissei									
nissei	29	48	-	9	1	1	-	10	20
sansei	5	9	-	2	2	1	3	3	7

2ª pessoa

	você	anata	anta	kimi	omae	nome +sam	otaku
jun-							
nissei	1	4	2	-	1	4	-
nissei	20	36	12	5	2	18	3
sansei	7	10	5	3	-	3	-

Como se vê, maior número de pessoas utilizam watashi e um menor número watakushi, mas na realidade, a incidência de uso do primeiro é bem maior, pois é empregado quase em todas as situações levantadas pela pesquisadora (no total: 13 situações) e somente em situação restrita é usado o pronome muito formal watakushi, isto

Isto é, quando se fala com visitas do Japão, por exemplo. Em vários sujeitos ficou nítida a diferença:

watakushi usado com visitas do Japão

watashi usado com visitas do Brasil

Isso significa que o nipo-brasileiro tende a considerar o visitante do Japão, alguém fora de seu círculo, que não lhe permite utilizar o pronome menos formal que é watashi, isto é, da colônia fazem parte apenas os antigos imigrantes japoneses e seus descendentes. O uso predominante de watashi, tanto em relação ao número de sujeitos, quanto à variedade de situações, significa que o nipo-brasileiro já fez uma opção de simplificação (a que se recorre também no ensino de japonês para estrangeiros), pois, watashi pode ser utilizado tanto pelos homens como pelas mulheres, além de não ser nem muito formal, nem muito informal. O interessante é que o uso de atashi (informal) não ocorre nenhuma vez.

Com relação à 2ª pessoa, a frequência de uso aparece na ordem anata, anta, kimi, omae. A totalidade dos sujeitos emprega o termo anata no relacionamento marido/mulher com a conotação aproximada de "querido", "bem", e parece utilizar kimi, omae, no caso de não haver relação de intimidade entre os falantes, isto é, ao falar com vizinhos mais velhos, sogro(a), superiores no serviço, visitantes em geral.

Em substituição ao pronome pessoal, no caso de pai/mãe, o leque de opções é diferente do japonês-padrão:

otosam/okasam, totiam/katiam, chichi/haha, papa/mama (JJ, JB)

papai/mamai, papai/mamãe (JB)

nome + sam

sensei

nome do cargo que ocupa.

A forma otosam/okasam é usada por jun-nisseis, nisseis e sansseis, além da forma (o)totiam/(o)katiam (dois casos em nisseis), que é mais afetiva. A forma papa/mama apareceu apenas em um caso em jun-nissei, quando o próprio falante é o pai ou a mãe, isto é, é um substituto da primeira pessoa. Esse fato ocorre com todas as formas referentes a pai/mãe, com exceção de chichi/haha, que é utilizada como terceira pessoa. A forma papa/mama é um empréstimo do inglês pap/mam e é utilizada com famílias que foram expostas a maior "input" do japonês-nativo. A forma nome + sam é bastante usada no japonês do nipo-brasileiro, independentemente do interlocutor, mesmo quando o nativo empregaria, por exemplo, o nome do cargo que a pessoa ocupa.

Com relação ao "code switching", a "nível da palavra" (Petersen, 1988), yo, oce, ocera constata-se o uso maior de yo, embora ocorra também oce e ocera. Essas misturas do português, "eu, você, você + sufixo do plural ra", aparecem muito em comunidades fechadas do interior ou em colônias onde se fala somente japonês, isto é, na linguagem coloquial entre pessoas da mesma família ou de mesma comunidade. Por esse motivo, a pesquisadora acredita que

a incidência de uso é bem maior do que se apresenta no questionário.

O termo oce é utilizado em substituição ao pronome da segunda pessoa, num nítido empréstimo do português ("você"), com a queda da consoante fricativa lábio-dental sonora /v/, inexistente no japonês. Percebe-se que oce é utilizado em substituição aos pronomes da segunda pessoa omae ou kimi, cujo referente pode ser uma pessoa mais nova em idade ou uma pessoa de nível social inferior, ou ainda, do mesmo nível que o falante, numa situação informal. É o que ocorre com S3, que emprega oce ao dialogar com o filho.

A comunidade japonesa aceitou este empréstimo com facilidade, pois é homófono do yo (que significa "eu", quando o sujeito que fala é, por exemplo, um senhor feudal). Essa semelhança fonológica talvez tenha sido um elemento decisivo para a aceitação e cristalização desse pronome como verdadeiro substituto do pronome da primeira pessoa, com a vantagem ainda de eliminar a preocupação da escolha do pronome mais adequado quanto ao nível de linguagem. Hoje, no Japão, o termo yo está totalmente fora de uso, aparecendo apenas em filmes de samurai. A passagem de "eu" para yo é uma tendência que pode ser observada na própria língua japonesa.

Na entrevista gravada, utilizou-se propositalmente, com alguns sujeitos, o termo yo (eu) para quebrar a situação de formalidade e eliciar dos sujeitos uma linguagem mais coloquial em que o jogo "yo - oce" pudesse aparecer com naturalidade. Mas, foi inútil, como nos casos de S10, S16, S18. Entretanto, nenhum dos

sujeitos manifestou surpresa ou estranheza com o emprego do yo. Isso implica em dizer que o termo lhes era pelo menos familiar. Isso nunca ocorreria se a entrevistadora utilizasse o termo yo diante de um júri de nativos. Por isso, pode-se concluir que os termos yo, oce, ocera são familiares, mas utilizados em circunstâncias restritas, de modo que, um pequeno monitoramento por parte do falante já é suficiente para que eles não apareçam.

A análise do CORPUS ORAL complementou a do CORPUS ESCRITO, tornando possível uma avaliação mais precisa sobre a proficiência dos sujeitos. Na fala dos nipo-brasileiros observaram-se desvios comuns nos dois tipos de dados coletados:

1. uso inadequado do keigo
2. emprego excessivo dos pronomes possessivos das 1ª e 2ª pessoas

Com relação ao uso inadequado do keigo, aparecem os casos da não-distinção dos termos de respeito e de modéstia, isto é, utilizando o termo de respeito em vez do de modéstia, fazendo-nos supor que esse desaparecerá primeiro.

Com relação ao pronome possessivo, apresentou-se generalizações boku, watashi <---> anata, sendo que boku passou a ser um termo polido utilizado em todos os níveis. Isso ocorre também com o termo obasan e ageru que, de keigo, passaram a termo de polidez, fato que nos faz inferir que, provavelmente, a divisão entre termo de respeito, modéstia e polidez será pouco a pouco reduzida a um único nível, polido, em oposição ao não-polido (isto é, grau zero de polidez).

O leque de tratamento no japonês dos nipo-brasileiros sofreu, de um lado, uma restrição, pelo fato de generalizar o uso de boku, watashi <---> anata. De outro lado, sofreu um acréscimo devido a "borrowing", como papai, mamai, ou "code switching" como yo, ou yora e ocera.

Com relação à L1, os isseis optaram 100% pela língua japonesa e os sanseis 100% pela portuguesa, sendo que as oscilações ficam para a geração dos nisseis, onde alguns consideram o japonês como sua L1, apesar de se sentirem bem falando o português. Quanto aos sanseis, pelo Questionário 2, ficou patente que, na escolha de frases corretas com uso do keigo, essa geração, com maior conhecimento passivo do japonês como L2, apresentou um percentual alto em relação ao jun-nissei.

Conclusão

O objetivo principal deste trabalho foi caracterizar a situação de pseudo-imersão, em que viveram os imigrantes (jun-nisseis) e seus descendentes (nisseis e sanseis). Os primeiros procuraram, em casa e na colônia, preservar costumes, hábitos, valores e também a língua do país de origem. Em consequência, a maioria de seus descendentes diretos aprendeu a falar primeiro o japonês.

Essa língua adquirida na colônia possui características dialetais de várias regiões do Japão. Além disso, recebeu influências do português (yo, oce, yora, ocera), entre tantas outras (Apêndice 2), em outros níveis lingüísticos, o que a caracterizou como "coloniago".

O falante do "coloniago" de primeira geração (jun-nissei) se considera falante nativo de japonês. Nesse sentido, "língua nativa" é a que se aprendeu primeiro (Weinreich, p. 88). O de segunda geração (nissei) domina as duas línguas e, apesar de se considerar falante nativo de português, se "sente" japonês. Esse sentimento de lealdade à língua ("language loyalty") se assemelha ao de nacionalidade (Weinreich, p. 99). Já o descendente de terceira geração (sansei), em sua grande maioria, não fala japonês (consequentemente, não se "sente" japonês). Grande número deles procura agora aprender o japonês em escolas de línguas ou universidades.

Assim, o japonês passa de L1 (para os jun-nisseis) a L2 (para os sanseis). Esse processo de mudança no status social da língua japonesa surge concomitantemente à aculturação e anuncia o fim do processo de mudança de línguas (Hamers & Blanc, pp. 175-9).

Bibliografia

- Arai, Noriko. "Fluência na aquisição do português como língua estrangeira." Tese de mestrado. SP, 1985.
- Badia-Margaret, A. M. "Some Aspects of Bilingualism among Cultured People in Catalonia." Proceedings of the Ninth International Congress of Linguistics. Ed. Horace G. Lunt: Mouton and Co, 1964, pp. 366-373.
- Brown, Douglas H. Principles of Language Learning and Teaching. New Jersey, Englewood Cliffs: Prentice-Hall, 1980, pp. 123-146.
- Butsugan, Sumi. "Participação social e tendência de casamento interétnicos." A presença japonesa no Brasil. SP.: Ed. T. A. Queiroz: Ed. da USP, 1980, pp. 101-112.
- Cagliari, L. C. "Investigando o ritmo da fala", Anais do V Encontro Nacional de Linguística, RJ: PUC, Departamento de Letras, pp. 190-304.
- Centro de Estudos Nipo-Brasileiros. "Pesquisa da população de descendentes de japoneses residentes no Brasil." São Paulo, 1988 (junho).
- Clyne, Michael. "Constraints on Code Switching : How Universal are They?" Linguistics, 1987 (25-4), 739-764.
- Cummins, Jim and Merrill Swain. Bilingualism in Education. England: Longman, 1986.

- Doi, Elza T. "A interferência fonológica no português falado pelos japoneses na região de Campinas (SP)." Tese de mestrado. UNICAMP, 1983.
- , "As formas de tratamento do japonês: seu funcionamento" (no prelo).
- Dorian, Nancy C. Language Death: The life Cycle of a Scottish Gaelic Dialect. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1981.
- Dulay, Heidi, Marina Burt and Stephen Krashen. Language Two. New York: Oxford University Press, 1982.
- Elizaincin, Adolfo, Luís Behares, Graciela Barrios, Nos falemo brasileiro: dialectos portugueses en Uruguai. Montevideo: Ed. Amesur, 1987.
- Ellis, Rod. Understanding Second Language Acquisition. Oxford: Oxford University Press, 1985.
- Fukasawa, L. M. "Alguns aspectos da língua japonesa moderna: a língua enquanto elemento revelador da sua realidade." Estudos Japoneses, SP, 3 (1983), pp. 25-34.
- Gamou, Masao. "Japoneses no Pará". Estudos de antropologia teórica e prática. SP.: Ed. Escola de Sociologia e Política de São Paulo, pp. 56-59, 1956.
- Haga Yasushi. "Nipponjin ni aiyogo" (itens lexicais preferidos pelos japoneses). Nipponjin to Nippongo, Tokyo: Kodansha, 1982, pp. 8-56.
- Hamers, Josiane F. and Michael H. A. Blanc. Bilinguality and Bilingualism. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.

- Handa, Tomoo. "Senso estético na vida dos imigrantes japoneses." Assimilação e integração dos japoneses no Brasil. S.P.: Ed. Vozes-EDUSP, 1973a, pp. 386-413.
- . "O destino da língua japonesa no Brasil." *idem* *ibidem*, 1973b, pp. 487-509.
- . O imigrante japonês: história de sua vida no Brasil. SP: T. A. Queirós e Centro de Estudos Nipo-Brasileiros, 1987.
- Haugen, E. The Norwegian Language in America : A Study in Bilingual Behavior. Bloomington: Indiana University Press, 1969.
- . "Normas e desvios em comunidades bilíngües." Bilingualism and Bilingual Education. Oxford: Pergamon Press, 1981.
- Head, Brian F. "Social factors in the use of pronouns for the addresser in Brazilian Portuguese." Jürgen Schmidt-Radefeldt, ed. Readings in Portuguese Linguistics. Amsterdam: North-Holland Publishing Company, 1976, pp. 289-348.
- Heye, Jürgen. "Diglossia and Dialect Levelling among German Speaking Immigrants in Brazil." Proceedings of the Twelfth International Congress of Linguistics. Wolfgang U. Dressler and Wolfgang Meid, eds., 1978.
- Hornby, Peter A. Bilingualism: Psychological, Social and Educational Implications, NY: Academic Press, 1977.
- Ide, Sachiko. Onna no Kotoba, Otoko no Kotoba (língua da mulher e língua do homem). Tokyo: Nippon Keizai Tsushinsha, 1979.

- Ishizaka, Shozo. Keigo (Expressões de tratamento). Tokyo: Kodansha, 1969.
- Izumi, Seiichi. "Aspectos da vida dos japoneses no Brasil," Estudos de Antropologia Teórica e Prática. S.P.: Ed. Escola de Sociologia e Política de São Paulo, pp. 36-43, 1956.
- ."A estrutura psicológica da colônia japonesa no Brasil." Assimilação e Integração dos Japoneses no Brasil. S.P.: Ed. da Universidade de São Paulo, 1973, pp. 361-385.
- Jugaku, Akiko. "Onnarashisa to nippongo (a língua japonesa e as marcas de feminilidade)." Nippongo to Nipponjin. Tokyo: Kodansha, 1982.
- Kato, M. e L. Bárbara. "Línguas asiáticas." Abralin Boletim, 5 (1983), pp. 95-111.
- Kindaichi, Haruhiko. Nippongo (A língua japonesa). Tokyo: Iwanami Shoten, 1972.
- Krashen, Stephen D. Principles and Practice in Second Language Acquisition. Oxford: Pergamon Press, 1982.
- Kuno, Susumu. The Structure of the Japanese Language. Cambridge, Mass.: The MIT Press, 1973, pp. 16-20.
- Mackey, William F. Bilinguisme et contact des langues. Paris: éditions Klincksieck, 1976.
- Mase, Yoshio. Burajiru Dayori-Burajiru nikkeijin no nihongo (O japonês dos nipo-brasileiros). Gengo Seikatsu, 1986, pp. 36-45.
- ."A língua japonesa dos imigrantes e seus descendentes no Brasil." Estudos Japoneses, 7 (1987), 137-146.
- Masuda, Koh. Japanese English Dictionary. Tokyo: Kenkyusha. 1974.

- McLaughlin, Barry. Theories of Second Language Learning. Great Britain: Edward Arnold Publishers, 1987.
- Miyao, Sussumu. "Posicionamento social da população de origem japonesa", Presença Japonesa no Brasil S.P.: Ed. T. A. Queiróz e Ed. da USP, 1980.
- Minami, Fujio. Keigo (Expressões de tratamento). Tokyo: Iwanami Shoten, 1987.
- Nagara, S. Japanese Pidgin English in Hawaii. A Bilingual Description. Hawaii: The University Press of Hawaii, 1972.
- , "A Bilingual Description of Some Linguistics Features of Pidgin English Used by Japanese Immigrants on the Plantation of Hawaii: A Case Study in Bilingualism." Diss. University of Wisconsin, 1969.
- Nawa, Takako. "Bilingüismo e mudança de código: uma proposta de análise com os nipo-brasileiros, residentes em Brasília." Tese de mestrado. Brasília: UNB, 1988.
- Nomoto, Kikuo. "Kotoba kara mita nipponjin" (Conceitos sobre os japoneses do ponto de vista da língua). Nippongo to nipponjin. Tokyo: Kodansha, 1982, pp. 268-312.
- , Nipponjin to Nippongo (O japonês e a língua japonesa). Tokyo: Chikuma, 1978.
- Ohno, Morio. Ratenteki Nipponjin (Os japoneses latinos). Tokyo: Nippon Hoso Shuppan Kyokai, 1987.
- Okuyama, Masuro. Gendai Keigo Jiten (Dicionário das expressões de tratamento de hoje). Tokyo: Tokyodo, 1973.
- , Aisatsugo Jiten (Dicionário das expressões de cumprimento). Tokyo: Tokyodo, 1970.

- Petersen, J. "Word-Internal Code-Switching Constraints in a Bilingual Child's Grammar," Linguistics, 26(1988), 479-493.
- Pica, Teresa. "The Selective Impact of Classroom Instruction on Second Language Acquisition." Applied Linguistics, 6, No. 3, 214-222
- Saito, Hiroshi. A presença japonesa no Brasil. S.P.: Edit. da Universidade de São Paulo, 1980.
- , A integração e participação de japoneses e descendentes na sociedade brasileira. S.P.: Centro de Estudos Nipo-Brasileiros, 1977.
- , Gaikokujin ni natta nihinjin (O japonês que se tornou estrangeiro). Japan: The Simul Press, 1978.
- , "Mobilidade e assimilação de imigrantes japoneses." Estudos de antropologia teórica e prática. S.P.: Ed. da Escola de Sociologia e Política de São Paulo, 1956, pp. 28-35.
- , "Participação, mobilidade e identidade." A presença japonesa no Brasil. S.P.: T.A. Queiroz Editor, 1980, pp. 81-90.
- Schaden, Egon. "Alemães e japoneses: uma visão comparativa." A presença japonesa no Brasil. SP: T.A. Queiroz Editor, 1980, pp. 135-151.
- Suzuki, Tae. "As expressões de tratamento da língua japonesa no Brasil: uso e processo de aculturação." Tese de doutoramento. SP: Universidade de São Paulo, 1984.
- , "O tratamento e seus significados." Estudos japoneses S.P., 4 (1984), 83-98.

- . "Breves considerações sobre as expressões de tratamento da língua japonesa." Estudos Japoneses, 3 (1983), 69-88.
- Suzuki, Takao. Kotoba to Bunka (Língua e cultura). Tokyo: Iwanami Shoten, 1986.
- Suzuki, Teiichi. The Japanese Immigrant in Brazil: Narrative Part. Tokyo: University of Tokyo Press, 1969.
- Tarallo, Fernando e Tânia Alkmin. Falares creoulos. S.P.: Ed. Atica, 1987.
- e Mary Kato. "Harmonia trans-sistêmica: variação inter e intra-lingüística" (no prelo).
- Tosi, Arturo. Immigration and Bilingual Education. Oxford: Pergamon Press, 1984.
- Tsujimura, Ishiki. Keigo Shiteki Kenkyu (Estudo histórico do tratamento). Japan: Ed. Tokyodo Shuppan, 1971.
- Weinreich, Uriel. Languages in Contact. Paris: Mouton, 1970.
- Willens, Emilio. A aculturação dos alemães no Brasil: estudo antropológico dos imigrantes alemães e seus descendentes no Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1946.
- . Aspectos da aculturação dos japoneses no estado de São Paulo. Antropologia, 3, Boletim 82, 1948, 451-61.

Apêndice 1

Questionário I

1. Você se sente mais à vontade falando que língua?

() japonês () português

2. Que língua você considera como sua língua nativa?

() japonês () português

3. Marque a alternativa que se aplica a você:

Meu japonês falado é:

1. () igual ao de um nativo.

2. () quase igual ao de um nativo.

3. () próximo ao de um nativo.

4. () não muito distante do de um nativo.

5. () muito distante do de um nativo.

4. Marque as alternativas que melhor se aplicam ao seu caso:

A. Quando falo japonês,

1. () nunca uso palavras em português.

2. () quase nunca uso palavras em português.

3. () uso muitas palavras em português.

4. () falo sem precisar me corrigir.

5. () preciso parar algumas vezes para pensar.

6. () preciso parar muitas vezes para pensar.

7. () falo muito devagar, usando muitos "ah", "eh", "ã".

B. Meu japonês falado é:

1. () mais rápido que meu português falado.
2. () tão rápido quanto meu português falado.
3. () 50% mais lento que meu português falado.
4. () 70% mais lento que meu português falado.
5. () 100% mais lento que meu português falado.

C. Eu falo japonês:

1. () sem me sentir cansado (a).
2. () sem deixar de falar tudo que quero.
3. () deixando de dizer algumas coisas de que gostaria.
4. () deixando de dizer muitas coisas de que gostaria.

5. Em cada um dos blocos abaixo, marque todas as alternativas que se aplicam a você:

Eu aprendi a falar japonês

- A. 1. () desde um ano e pouco ou 2 anos até 7 ou 8 anos.
2. () dos 7 ou 8 anos em diante.
3. () na adolescência.
4. () depois de adulto.

- B. 1. () em casa, no Brasil, por anos.
2. () na escola da colônia japonesa, por anos.
3. () no nihonjinkai, por anos.
4. () numa escola do Japão, por anos.
5. () outros:, por anos.

- C. 1. ao mesmo tempo que o português.
2. antes de aprender o português.
3. depois de aprender o português.

6. Complete:

estive no Japão por meses.

Eu já

morei no Japão por anos.

7. Você é casado(a)?

Sim Não

8. Você é casado(a) com japonês nativo(a)?

Sim Não

9. Normalmente, com que frequência você conversa em japonês?

1. sempre
2. às vezes
3. nunca

10. Em geral, com quem você conversa em japonês?

1. com parentes.
2. com amigos.
3. com colegas de trabalho.
4. com os pais.
5. outros (especifique, por favor).

11. Se você é issei, com quantos anos veio ao Brasil? Qual a sua província de origem?

..... anos. Província

12. Se você é nissei, qual a província de origem de:

Seu pai?

Sua mãe?

E você é natural de

13. Se você é sansei, qual a província de origem de:

Seus avós paternos?

Seus avós maternos?

E você é natural de

14. Que curso(s) frequentou no Brasil (escola brasileira)?

1. primário

2. ginásio

3. colegial

4. faculdade

15. Quantos anos você tem?

16. Você morou no interior?

Sim

Não

Onde? De 19... a 19... .

Questionário II

1. Ao conversar em japonês, que pronomes (watakushi, atakushi, watashi, atashi, washi, boku, ore, kimi, anata, anta, yo, oce, ocera, você, chichi, haha, otosam, okasam, papai, mamai) você usaria nas seguintes relações?

- A. entre irmãos:
- B. com os pais:
- C. com os avós:
- D. com vizinhos de sua idade:
- E. com vizinhos mais velhos que você:
- F. com sogro e sogra:
- G. com marido (esposa):
- H. com tios e tias:
- I. com superiores a serviço:
- J. com o professor de japonês:
- K. com visitas do Japão:
- L. com visitas do Brasil:
- M. com os filhos:
- N. outros (especifique, por favor):

2. Leia as frases abaixo e marque com um (X) aquelas que você usaria na sua fala:

- 1. () Sensei, ashita watakushi no otosam ga gosodam ni mairimasu.
- 2. () Kono hon wa ore no da.

3. () Ane ga yoroshiku to osshatte imashita.

4. () Kino, kingyo ni esa o agenakatta.

5. () Ototo ni okozukai o yatta.

6. () Sensei, chichi ga sensei ni mo irashite hoshii to
ossheimashita.

7. () (Ao telefone)

- Nakamura bucho ni mensetsu o onegai shitai to uchi
no sacho ga moshiteorimasuga

- Tadaima Nakamura wa shayo de seki o hazushite ori-
masuga

8. () (Entre mãe e filha pequena)

- Ayako, oheya katazuitakara mo benkyo hajimetemo
iiyo.

- Ah, okasam, kireini nattane, gokurosama.

9. () (Entre colegas de serviço)

- Kacho ga mo kaettemo yoi to mosaremashita.

- Ah, yokatta!

Apendice 2

Seguem aqui outros casos de "mistura de línguas", que observamos nos dados, e que constituem pontos interessantes para pesquisas futuras:

O uso de traduções literais do português cria um tipo de pidgin nipo-brasileiro. É o caso de termos emprestados diretamente do português e transferidos para o japonês:

1. Temperatura ga ochita (caiu a temperatura) -> JB (S17)

ondo ga saqaru -> JJ

2. Sen ga ochita (caiu a linha) -> JB

(denwaqa) kireta -> JJ

3. Shingo ga aita (abriu o sinal) -> JB (S13)

shingo ga ao ni natta -> JJ

4. Bimbo ga inai (não tem pobres) -> JB (S3)

bimbo na hito ga inai -> JJ

Isto é, em 1 e 2, atribuiu-se ao termo ochita significados emprestados do português que não correspondem às acepções semânticas do termo em japonês:

caiu = cair (da árvore) -> ochiru
cair (quando tropeçar) -> korobu
cair (linha do telefone) -> kireru
cair (a temperatura) -> sagaru

Em 3, também atribuiu-se ao verbo aita o mesmo leque de significados que tem o verbo "abrir":

abrir (os olhos) -> aku
abrir (o sinal) -> ao ni naru
abrir (a lata) -> akeru

No exemplo 4, pode-se dizer em português:

- a) não tem pobres no Brasil
- b) não tem pessoas pobres no Brasil

mas, em japonês, só (b) é possível, pois "pobre" é um adjetivo e deve sempre vir acompanhado de um nome, assim:

J: Bimbo na hito ga inai.

TL: pobre pessoa não tem

P: Não tem pessoa pobre.

Houve ainda casos de não emprego de partículas que indicam os casos:

1) J: Ikkai mo yuki minaide (S18)

TL: nenhuma vez neve ver

P: Sem ver a neve nenhuma vez.

Posposta ao termo yuki, deveria aparecer a partícula específica do objeto direto o: ikkai mo yuki o minaide. O mesmo ocorre com:

J: Tegami itadaku (S17)

TL: carta receber

P: Receber carta.

Posposta ao termo tegami, dever-se-ia colocar a partícula específica do objeto o: tegami o itadaku.

2) J: Kyomi aru (S13)

TL: interesse ter

P: Tenho interesse.

Posposta ao termo kyomi, deveria vir a partícula específica do sujeito ga.

3) J: Yoru naruto...

TL: noite fica quando

P: Quando fica de noite...

Como yoru = noite é o substantivo e yoruni = à noite é o advérbio, ficou faltando a partícula ni da expressão yoru ni....

4) J: Shiro gohan (S11, 58)

TL: branco arroz

P: Arroz branco

Como shiro é o substantivo e shiroi é o adjetivo, ficou faltando a terminação i do adjetivo.

Além disso, verificou-se o pouco uso de onomatopéias (muito frequentes em japonês-padrão, as quais, quando utilizadas, apresentaram pequeno desvio semântico. Por exemplo, ao dizer que o seu japonês não é fluente, 58 usa a onomatopéia "pera pera (denai)", ao invés de "sura sura (denai)", "pera pera hanasu" ou "pera pera shaberu".